



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo

Mariana Borges dos Santos

Uma travessia pelo avesso das imagens

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo

2020



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo

Mariana Borges dos Santos

Uma travessia pelo avesso das imagens

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos da Subjetividade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Suely Belinha Rolnik

São Paulo

2020

Mariana Borges dos Santos

Uma travessia pelo avesso das imagens

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos da Subjetividade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Suely Belinha Rolnik

Aprovada em: ___/___/___

Banca Examinadora

Profa. Dra. Suely Belinha Rolnik (orientadora)
Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Profa. Dra. Maria Cristina Gonçalves Vicentin
Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Profa. Dra. Rosane Preciosa Sequeira
Universidade Federal de Juiz de Fora

A Elza e Lilian.
Aos fios de vida que nos ligam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida que persevera dentro e fora de mim, fazendo prevalecer o movimento, a despeito de toda reatividade que a ameaça sufocar. Agradeço ao mato, às trilhas e às sangas que me constituem e que borram, desde que me entendo por gente, o contorno disso que é ser gente.

Agradeço à Suely Rolnik, orientadora e espécie de bússola processual, que se fez presença quando tudo estava desabado e em carne viva. E à Karlla Giroto, pela escuta ativa e atenta e pela amizade, presença e acolhimento nos momentos de maior fragilidade. Pelos inhames, chás, ovos cozidos e kicharis. Pelo amor.

Agradeço imensamente a todes que contribuíram nos dois momentos em que foram feitas arrecadações financeiras: primeiro para cobrir os gastos de saúde e, depois, quando fui afetada pelos cortes de bolsas de pesquisa, para quitar as mensalidades da PUC-SP. Sem isso, não teria sido possível continuar e concluir este processo.

Nos subúrbios de Havana, chamam o amigo de minha terra ou meu sangue. Em Caracas, o amigo é minha pada ou minha chave: pada, por causa de padaria, a fonte do bom pão para as fomes da alma; e chave por causa de... chave - me conta Mario Benedetti. E me conta que quando morava em Buenos Aires, nos tempos do horror, ele usava cinco chaves alheias em seu chaveiro: cinco chaves, de cinco casas, de cinco amigos: as chaves que o salvaram¹.

Agradeço às pessoas que me são casa. Às que o foram literalmente, que me deram suas chaves e às que me foram lar afetivo. Todas, cada uma à sua maneira, formam laços vitais. À Lulu e Bá Hypolito, Bitisa, Aninha Arra, Ana Druwe, Cássia Sandoval, Nina Oliveira, Letícia Liñera, Medina (Marafó), Marta Grill, Cíntia Langie, Thuanne Teixeira, Diogo Lopes, Gabi Lamas, Ligiana Costa, Rafa Corbelini, Larissa Luz, Marcos Coelho, Priscila Duarte, Helena Moschoutis, Carolina Rochefort, Pedro Leão, Pedro Garcia, Vinicius Silva, Lello Bezerra, Francisco Freitas, Caroline Rocha, Kwame Yonatan, Sabrina Andrade, Lu Arbelli, Lu Briotto, Bruno Leal, Fábio Guarani, Cafira Zoé, Ana Luiza Braga, Amanda Beça, Beto Eiras, Keykey, André César, Sara Dahuer, Veriana Ribeiro, Guilherme Zanela, Ediana Souza, Cássio Raab, Vini Vasconcellos, Ana Margarites, Dani Brisolara.

Aos que trabalham para fazer ventar novas formas de pensamento e de vida. Ao Núcleo de Estudos da Subjetividade, à n-1 edições, à editora Dantes, ao G>E Grupo

¹ Celebração da Amizade/1. (GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: LP&M, 2005).

Maior que Eu, a Peter Pál Pelbart, Denise Sant'Anna e João Perci Schiavon. A Ailton Krenak e aos estudos Salvagem. Ao grupo de mediação Patafísica.

E aos que fazem ventar ritmo, dança e alegria em meu corpo. Coko de Oyá, Bloco Eu Acho é Coko, Mãe Beth d'Oxum, Lia de Itamaracá, Paulinho da Viola, Pandeiro do Mestre, Siba, dona Selma, Alessandra Leão. Salve suas forças!

À Rosane Preciosa e à Cris Vicentin, pelo aceite em compor a banca e, principalmente, pela aliança generosa e inspiradora desde o início dessa dissertação. Também à Ana Godói, Clarissa Alcantara e Margaret Rodrigues pela companhia ao longo desse processo de escrita e de clínica e pela delicadeza e sagacidade nas intervenções.

Aos meus tios pela sustentação na queda, por moverem forças incontáveis na intenção de me reerguer. Ao avô Silvio, pilar amoroso e sentinela nosso. À Lica, pela força espiritual em convocar os guias nas feituas de cura e a eles por terem curado. Ewé Ó Ossain, salve as folhas sagradas e a medicina das ervas. Odoyá, Iemanjá, rainha do mar. Eparrêi Iansã, senhora dos raios e da força dos ventos. Ora iê iê ô Oxum, mãe do amor, do equilíbrio e da fluidez das águas doces. Arroboi Oxumarê! Arco-íris-serpente cósmica da ciclicidade. Saluba Nanã Buruquê, sábia anciã, chuva ancestral. Salve às forças dos orixás. Èpa Bàbá, Oxalá! Laroyê Exu!

A ti, minha mãe, pela vida, pelo colo, pela doçura e pela firmeza de não me deixar ir. E à senhora, vó, pelo trabalho silencioso e por ter cultivado a mim como quem cultiva a terra. Sou inteiramente grata a vocês, minhas ancestrais mais próximas e aliadas primeiras, por tornarem possível e a quem dedico esta travessia.

RESUMO

BORGES, Mariana. *Uma travessia pelo avesso das imagens* [dissertação]. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2020.

Esta dissertação é um começo de elaboração de questões que emergem singularmente na subjetividade e que se propõem coletivas, à medida em que trazem à tona experiências que atravessam uma multiplicidade de outros corpos que compartilhem o mesmo contexto sociocultural. Chamo essa elaboração de travessia, sem pressupor um ponto de partida e outro de chegada, por tratar-se de um processo contínuo que intenta constituir um corpo capaz de habitar as ruínas anunciadas e presentes de uma epistemologia hegemonicamente ocidental, colonial, patriarcal, racializada, antropocêntrica, antropocênica, globalizada e capitalística. O foco desta pesquisa aponta para dois dos pilares que sustentam esse regime secular, são eles: a prevalência da visão como forma de apreensão da realidade e as imagens como formas de captura do desejo. O trabalho se propõe a cartografar algumas das políticas de subjetivação e de desejo que podem se dar nas diferentes relações cotidianas com essas imagens. O que se passa no avesso dessas relações? O avesso, aqui, não tem o sentido de estar oculto por trás das imagens, como se poderia supor. Ao situar as imagens como plano das formas, o avesso constitui o plano das forças, ambos coexistentes e coextensivos em relações de mútua e recíproca afetação. É criando sensibilidade para sustentar-se no campo das forças, que este texto batalha soltar, descarregar, descolar, dessubjetivar as formas que caducaram, que dependem de identificação, e impedem a singularização. O texto se compõe de duas partes: a primeira é um exercício de coragem e de aproximação com esse campo do sensível onde algo anuncia mover-se; a segunda é feita por linhas narrativas em que o processo de dessubjetivação vai se dando na forma de personagens conceituais que partilham, entre si, o traço da indeterminação. São fulanas, beltranas e sicranas, em seus universos existenciais, que indicam alguns dos modos de operar herdados dessa ruína colonial e, também, outros modos capazes de fazê-la desmoronar.

Palavras-chave: políticas de subjetivação; travessia; imagens; cartografia.

ABSTRACT

BORGES, Mariana. *Crossing the images inside out* [dissertation]. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2020.

This dissertation is the beginning of elaborating questions that emerge singularly in a subjectivity and that propose themselves as collective, since they bring up experiences that cross a multiplicity of other bodies that share the same socio-cultural context. I call this elaboration crossing, without implying points of departure and arrival, because it is a continuous process that intends to constitute a body capable of inhabiting the announced and present ruins of a hegemonically western, colonial, patriarchal, racialized, anthropocentric, anthropocenic, globalized and capitalistic epistemology. The focus of this research points to two of the pillars that support this secular regime: the prevalence of vision as a way of apprehending reality and images as ways of capturing desire. This work proposes to map some of the subjectivity and desire policies that can occur in the different daily relationships with these images. What is going on inside out these relationships? The inside out, here, does not mean what is hidden behind the images, as one might suppose. When placing images as the plane of forms, the inside out is the plane of forces, both coexisting and coextensive in relations of mutual and reciprocal affectation. It is by creating sensitivity to sustain itself in the field of forces, that this text struggles to release, unload, detach, desubjectivate the forms that have expired, which depend on identification and prevent singularization. The text is composed of two parts: the first is an exercise of courage and approximation with this field of the sensitive where something announces to move; the second is made up of narrative lines in which the process of desubjectivation takes place in the form of conceptual characters who share, among themselves, the trait of indeterminacy. They are what-are-their-names (fulanas, beltranas and sicranas), in their existential universes, who indicate some of the ways of operating inherited from this colonial ruin and, also, other ways capable of causing it to collapse.

Keywords: subjectivation policies; crossing; images; cartography.

tenho fome de me tornar em tudo que não sou
tenho fome de fiction ficções fictionários
das fricções de ser contra ser
me tornar não o nome distinto
o outro distinguido
por um nome distinto do meu nome distinto
tenho fome de me tornar o que se esconde
sob o nome em baixo do nome no subsolo do nome
e por uma fresta num abraço contíguo penetra
passa a habitar o ficcionário que me tornei
em tudo

(Waly Salomão)²

² “Na esfera da produção de si mesmo” é o título de uma série de textos publicados originalmente no livro *Gigolô de Bibelôs*, de 1983. Esse trecho da epígrafe foi retirado, com supressões, da compilação *Poesia Total* (SALOMÃO, Waly. *Poesia Total*. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2014, p.128).

SUMÁRIO

CARTA DE ABERTURA	10
BRINCANDO DE CORAGEM I: A DOBRA	15
BRINCANDO DE CORAGEM II: A CORDA	18
UM ENXAME DE FORMIGAS	21
SEM TETO NEM LEI	23
Uma dançarina cansada	24
Um diário-fogo-fátuo	26
Uma só ou várias sinhás	28
Uma cristã desobediente	29
Uma designer descolorida	31
Um fogo de chão	35
Uma artista black block	37
Uma raiz aérea de Umbu	41
Uma doutora sem membrana	44
Uma musicista encabulada	46
Uma princesa progressista	47
Um objeto semi-identificado	49
Um pandeiro cigano	50
TEMPO FORA DO TEMPO	55
CARTA DE FECHAMENTO	58
REFERÊNCIAS	67

CARTA DE ABERTURA

Quero apreender essa dimensão mais próxima da criação, mais próxima do desdobramento de linhas narrativas e de construções formais que permitem cartografar uma subjetividade que não está ali ainda, mas já está ali em um movimento de devir. É isto o que chamo de transferência do paradigma científico em direção ao estético no domínio da psicanálise.

(Félix Guattari)³

Esta travessia é também a cartografia de uma metamorfose.

Uma espécie de implosão.

Uma travessia que se propõe a expor e fazer mover, por meio de linhas narrativas, alguns dos modos de operar herdados do projeto de mundo colonial, ocidental, globalizado. Modos esses que sustentam micropolíticas medulares à sua atualização e que são orientados por processos de identificação com imagens – no sentido de representação da palavra imagem.

Se o campo da subjetividade ainda é colocado como menor na majoração do Estado e do estado de coisas atual, para esses, ela também é central. Quase como uma contradição, a subjetividade é o campo de batalha onde se sustentam as mesmas estruturas que a classificam como menor. Cabe aqui, então, uma atenção sutil e aguda para que seja possível perceber algumas das movimentações moleculares que podem se dar nesse campo. Movimentações capazes de destituir umas e instituir outras políticas de subjetivação.

Para isso, dá-se existência a uma coleção de personagens conceituais que estão em relação umas com as outras. “Essas umas” (fulanas, beltranas e sicranas), sempre indefinidas, são como facetas de uma subjetividade em processo de dessubjetivação. São os estilhaços que vão saltando da implosão de um determinado eu, ou mais precisamente, de um determinado modo de constituição e de relação desse eu. Elas aparecem conforme foram surgindo no meu processo – de pesquisa, de análise, de vida

³ Trecho da entrevista intitulada *As Pulsões*, concedida em 1992 por Félix Guattari para o Simpósio “A Pulsão e seus Conceitos”, promovido pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP. A entrevista foi transcrita, traduzida por Suely Rolnik e publicada na 12ª ed. da revista *Cadernos de Subjetividade*. E a epígrafe, tal como está traduzida aqui, foi retirada do vídeo da entrevista, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=76gkLr8D-8Y&t=914s>. Acesso em: 07 set. 2020.

– como um recurso para elaboração de questões existenciais de um rosto identificado com a branquitude.

Nenhuma delas é totalmente assujeitada, tampouco totalmente desidentificada com essa imagem tida como sujeito universal. Assim é que todas participam de misturas em um *continuum* de diferenciação tendencial às próprias singularidades. Enquanto misturas, elas trazem consigo mais de uma questão simultaneamente, ainda que, para cada personagem, haja uma questão que a mova mais do que outras. São algumas delas: narcisismo, normatividade, negação, culpa, vergonha, insegurança, juízo, moralismo, ressentimento, tirania, condescendência.

As personagens são modos de operar em funcionamento, mais ou menos atravessados por essas questões, e distribuem-se em um feixe de variação entre estados mais reduzidos à experiência na dimensão pessoal do sujeito e estados mais abertos a outras experiências cosmológicas extrapessoais. Assim, enquanto umas figuras desaparecem, outras aparecem e algumas reaparecem. Esse artifício textual tem por intenção provocar no teu corpo algo da sensação multidimensional do processo que está se dando no meu próprio corpo.

Como se, em um mesmo instante suspenso, tudo se encontrasse, disparasse uma multiplicidade de existências e depois pudesse então se dissipar, como uma experiência que não permanece constante, mas dura o tempo necessário para ativar a potência de sua vitalidade. Potência essa que, até então, esteve subordinada à forma de uma única imagem de si e de mundo, fragmentada em muitas variações de sentido, mas convergente na significação. Imagem colonial capitalística.

A cartografia, enquanto método escolhido, conduz uma trama em que teoria e escrita se aliam constituindo um processo singular que é, simultaneamente, autoanálise e produção de si. No começo, escrita e edição tropeçavam uma na outra. A cada frase, uma interrupção, um julgamento, uma rasura afobada. À medida que foi se tornando uma prática diária, a escrita foi ganhando força e sustentando um espaço mais acolhedor para as questões, criando um fluxo cada vez menos orientado pelo juízo, o que permite retornar ao escrito e ler o não dito no que está se criando.

Há então um momento posterior de edição em que é possível separar o que válido na construção do texto para a experiência do corpo leitor e o que é carga pessoalizada, afeto categórico e historicizado. Essas escolhas no texto são também o espaço clínico de olhar para as questões cuja amplitude eu desconheço e fazê-las mover a subjetividade.

Algumas imagens de acontecimentos que aparecem nas narrativas são ficções, outras aconteceram no meu próprio corpo, outras em corpos ao meu redor. No plano dos eventos, não importa distinguir realidade e ficção, mas juntá-las a ponto de destituir o lugar de verdade que a imagem detém de forma privilegiada na subjetividade da branquitude e bagunçar os sentidos que uma mesma imagem pode engendrar em diferentes modos de relação.

As menções ao corpo físico dizem de somatizações que estão se dando paralelamente à escrita. Ossos, tecidos, nervos, ligamentos, hemisférios, órgãos. As cores dos objetos presentes nas narrativas também não são escolhas fortuitas. Mesmo quando surgem ao acaso, no momento da escrita, também dizem. Suas posições oferecem relações com os pontos energéticos [chakras, glândulas] do corpo fora do sujeito [sutil, vibrátil, paraespiritual, muitos podem ser os nomes]. Por exemplo, os chakras frontal [inteligência/intuição] e laríngeo [comunicação] são apresentados em tons de azul. Além das cores, relativas ao campo simbólico e energético, aparecem também substâncias e elementos que encontrei no saber da prática alquímica.

Imagens que não são significados ou explicados de forma causal, mas que povoam as narrativas oferecendo pistas da existência das múltiplas cosmologias que participam dos agenciamentos dessas personagens.

O primeiro texto deste trabalho, “Brincando de coragem I: a dobra”, foi escrito em um literal/real exercício de coragem para abrir esse processo de dessubjetivação. Nele busco certo tipo de forças para uma viagem rumo às próprias sombras e às memórias de estados em que meu corpo dobrou o fora, para além da precariedade da visão tomada como sentido de referência único.

Depois desse, um segundo, “Brincando de coragem II: a corda” – este me parece uma confrontação de outra ordem. Enquanto o outro está mais perto da intuição e das formas de acolhimento e apreensão da realidade, este ambiciona mover-se no sentido de uma outra forma de ação, mútua e reciprocamente afetada pelos aspectos de que trata o primeiro.

Seguindo, “Um enxame de formigas” aparece como um deslocamento importante para a continuidade do trabalho. Foi ao escrevê-lo, somado à escrita do texto anterior (a corda), que pude aproximar as ideias de tempo circular e eterno retorno do meu processo clínico. Neste texto aproxima-se também uma outra ecologia e, com ela, uma outra forma de relação com o vivo, que é cósmica – animal/mineral/vegetal –, para além de humana. O evento experimentado pelas formigas é o anúncio do que irão sofrer

todas as personagens ao longo do capítulo seguinte – que é o último e também o mais largo.

Este, que se chama “Sem teto nem lei”, é composto de uma série de narrativas em que figuram as personagens conceituais indeterminadas, anunciadas anteriormente. Fulanas, beltranas e sicranas não têm nome nem identidade, não são indivíduos: são modos de relação. Servem para mover esses modos e dar a perceber suas operações. Também, com isso, tentam lograr desmontá-los. Vale dizer ainda que as narrativas deste capítulo podem ser lidas em qualquer sequência, sem prejuízos aos sentidos dos textos.

E por fim, apresento meus intercessores e amigos – companhias conceituais aliadas que tornam possível a escrita e a própria experiência do que se enuncia aqui.

Penso e escrevo com a ajuda das filosofias, especialmente dos séculos XX e XXI, e de seu cruzamento singular com a psicanálise; dos feminismos, especialmente os decoloniais e ameríndios; da arte; da atenção à vida mineral, vegetal e animal; da ressonância de palavras tão precisas quanto anônimas; da literatura; do cinema; da influência dos saberes pertencentes ao que o colonizador nomeou “cultura popular” e do vozerio contemporâneo à minha existência que chega pela internet de forma fragmentária e geralmente humorada: artigos, figurinhas, vídeos, *stories*.

Esta é uma dissertação, mas talvez ela se faça de outra forma. Mais como uma jangada⁴ que precisa de liames frouxos o bastante para não reter as águas que a atravessam, sob a condição de não afundar. Ou como uma travessia na mata que faz pela sanga⁵, em que é preciso saltar de pedra em pedra ao longo do curso das águas. Cada pedra é um chão, sempre provisório, que sustenta os pequenos saltos e oferece um instante de observação a si mesmo, entre cada um deles.

• • •

E um último aviso a quem vai atravessar: algumas dessas pedras foram posicionadas no rodapé, você escolhe saltar por elas ou não.

⁴ Imagem de Fernand Deligny roubada da dissertação *Lusco-fusco: afiando a faca quase no escuro*, da amiga Karlla Giroto.

⁵ Sanga é como são informalmente chamados pequenos córregos e riachos com nascente própria. Informação disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/sanga/4224/>. Acesso em: 07 set. 2020.

Suinã, ai ai Suinã, nem sou mais eu
que penso o que eu tenho pensado.

(Pandeiro do Mestre)⁶

⁶ PANDEIRO DO MESTRE. *Suinã*. Recife: Humaita Edições Musicais Ltda, 2014. Composição de Nilton Júnior.

BRINCANDO DE CORAGEM I: A DOBRA

Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria.
E quem sabe para que necessitará o teu corpo precisamente da tua melhor sabedoria?

(Friedrich Nietzsche)⁷

A brincadeira é a arena de atividade dedicada à improvisação das formas gestuais,
um verdadeiro laboratório de formas de ação do vivo.

Aquilo de que se brinca é invenção.

A mais-valia de vida é igual a mais-valia de inventividade.

(Brian Massumi)⁸

Como é isso de temer a própria sombra?

Todas as noites a criança ia com a velha encontrar a mulher no pontilhão da Cascata. Lua cheia é noite de assombro. Quanto mais luz, mais sombra.

Em noite de breu, até o som se retira. Nessas noites, quase sem ruído, elas caminhavam com lanterna. O foco de luz só dava conta do próximo passo. Sem projeto pensado de futuro. Por vezes, se esticava o feixe de luz mais à frente para examinar o chão. Cobra rasteira é silenciosa, só se vê com o olho mesmo. Quanto ao mato que costeava ambos os lados da estrada, era pelo som que se conhecia seus riscos. Elas assuntavam distraídas e faziam algumas pausas. Vez ou outra tentavam codificar os ruídos, entender de onde vinham, no mais das vezes só os acompanhavam, atraídas por eles. Assim, a velha e a criança partilhavam um jeito de estar ali. A velha nunca precisou explicar nada disso à menina, elas sabiam juntas tudo que estava em jogo na caminhada, simplesmente por estarem ali e pertencerem àquele território e às suas dinâmicas. Passo a passo. Pausa a pausa. Toda noite o mesmo trecho e, ainda assim, toda noite uma atenção renovada. Como se essa mesma estrada fosse sempre e ainda desconhecida a cada travessia.

Já em noite de lua cheia, a coisa ficava diferente. Toda forma de vida se atiçava. Via-se mais longe e, paradoxalmente, sentia-se mais medo. Nessas noites, o barulho vinha de todo lado. Já não se podia contar com o silêncio como garantia de segurança. E

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 48.

⁸ MASSUMI, Brian. *O que os animais nos ensinam sobre política*. São Paulo: n-1 edições, 2017, p. 28.

as imagens eram tantas que não se podia distinguir a sombra de uma ave passando alta no céu de um preá correndo arisco no chão. Tudo ainda era real, mas não cabia fechando-se em [o] real.

Nessa paisagem, as localizações das presenças, com suas intenções, movimentos, atrações e ameaças, tornavam-se indiscerníveis. As realidades se borravam. A atenção da velha saltava de imagem em imagem, de sombra em sombra, de projeção em projeção, como se tentasse prever a movimentação do espaço, buscando garantir e acumular uma sensação de segurança. Enquanto que para a criança, o que continuava em jogo era só o próximo passo.

Não tardou para que a menina percebesse o dado de ficção da realidade: o movimento. As noites claras tinham mais vida em movimento, mais imagens difusas, mais riscos e também mais brechas para imaginar, criando e se criando de múltiplas formas para aquela travessia. Nas noites de breu, em que nada parecia se mover, elas passavam aparentemente ilesas ao campo.

A menina acompanhava os ruídos e imagens sem se deter em uns mais que em outros, não retinha das ficções um real para se assegurar. Dava seu sim na afirmação de cada instante, mesmo sem saber como seus pezinhos saltavam as pedras e afundavam em poças d'água. Consciente da sua fragilidade, brincava de coragem ao acolher seus medos sem encolher-se, fixando-se neles. E então a velha buscava a mão da menina, não mais para protegê-la, mas para colher dessa brincadeira o a mais de coragem que a menina produzia ao ficcionar a realidade.

Ela não retinha o que via, pois não estava interessada em fixar um mapa⁹ do espaço ao qual pudesse recorrer em situações futuras, tampouco buscava compará-lo com as memórias de estados passados. Estava imersa, participando e criando imagens sempre provisórias de realidade. Era perspectivada pela vida em que estava inscrita.

Só que, nessa cena, os passos se duplicavam criando desenhos dos movimentos no chão, e que tentação a de ficar assistindo às sombras. Mas a menina sabia que, se atentasse somente às imagens desse rastro, se perderia da pisada imediatamente à frente.

As histórias de assombração povoavam seu corpo que já não sabia mais com o que se importar. Eram tantos mapas¹⁰ sobrepostos que a faziam titubear, desconfiando

⁹ “Um mapa 1:1 não pode ‘controlar’ seu território, porque é completamente idêntico a esse território. Ele pode ser usado apenas para sugerir ou, de certo modo, indicar através de gestos algumas características.” (BEY, Hakim. *Zona Autônoma Temporária*. Trad. Coletivo Sabotagem, Copyleft. [s.l.], 2004, p. 8).

¹⁰ “Abra um mapa do território; sobre ele, coloque um mapa das mudanças políticas; sobre ele, ponha um mapa da internet; e, por último, sobre tudo isso, o mapa 1:1 da imaginação criativa, estética, valores. A

do que via, mas sustentava a pisada, mesmo quando na direção dos seus fantasmas. E a cada vez que o medo suspendia o movimento e ameaçava paralisar, ela recorria à aparelhagem que conquistou em outras noites, aquelas de breu. Retomava a distração que lhe permitia discernir, dentre tantas ficções e tantos jeitos possíveis de estar ali, quais a faziam seguir andando.

 Talvez seja mesmo muito inútil [medroso e até covarde] achar que se pode projetar o futuro manipulando o presente.

BRINCANDO DE CORAGEM II: A CORDA

Onde está o autor, em todas essas mancomunicações? Ele desaparece, tão apagado como se apaga a ideia de que arte é representar. Eu ia dizer que se trata de expor, o que não raro é verdadeiro, mas e a música então? Tratar-se-ia mais de um *accorder* [afinar, acordar], palavra que deriva, talvez, não se sabe muito bem, de *coeur* [coração] ou de *corde* [corda]. Mas então acordar teria de significar criar um acorde, não um consentimento, uma conformidade, mas antes uma discordância da qual vibrarão as relações de frequência.

O coração está dentro, bordejado, delimitado.
Tem seus limites, que têm uma história.
A corda está fora.

(Fernand Deligny)¹¹

Um homem que se pretende fora do mapa.

Um mapa que se pretende imparcial.

Como perspectivar o homenzinho que há em si?

A quem serve uma consciência dissociada de um corpo?

Talvez ao sujeito da oração, da ação separada do verbo.

E ao seu “projeto pensado”¹².

Havia um homem que não sabia pular corda. Não admitia se perceber ao lado, por cima, por baixo, dentro, com a corda. Estava sempre de fora, de longe, assegurado pela distância da imparcialidade, a buscar respostas para perguntas que nem sequer eram suas. Anotava atributos predicativos, supondo que se mapeasse bem cada corda, poderia encontrar a verdade, a essência de qualquer corda. Ele parecia querer dominar a brincadeira desde fora dela. Um domador de sentidos¹³? Possivelmente.

Talvez tivesse a intenção de poder ensinar outros homens a pular corda sem se machucar. Reduzir os riscos. Ou aspirando que no futuro, pudesse ser reconhecido por esse feito. Mas não pulava.

Até que um dia o homem esqueceu o bloquinho de anotações e, sem poder seguir registrando suas notas, acabou por reparar mais atentamente nas crianças que estavam pulando corda. Foi atraído para mais perto do que estava acontecendo ali.

¹¹ DELIGNY, Fernand. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 150.

¹² DELIGNY, Fernand. *O Aracniano e outros textos*. op. cit., passim.

¹³ SEQUEIRA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade* [tese]. São Paulo: PUCSP, 2002, p.7.

A brincadeira era a seguinte: enquanto duas crianças giravam as extremidades da corda, as demais formavam fila para entrar no movimento produzido por essas duas primeiras. Cada criança escolhia quando entrar, por quanto tempo permaneceria na duração e em que momento saltaria pra fora do giro. De modo que a corda não parava de girar até que toda a fila tivesse entrado e saído dela. Aí, então, outra dupla assumiria o motor do movimento. E nada além disso estava determinado. Aliás, nem isso era condição absoluta, já que às vezes duas ou mais crianças entravam juntas, ou alguma muito animada furava a fila e entrava duas vezes. Isso não era problema.

As associações das duplas se davam entre crianças altas e baixas, aleatoriamente, fazendo com que cada dupla gerasse uma qualidade de movimento variável. Quando erguiam os braços, o raio do giro aumentava. Quando abaixavam, geravam voltas mais curtas. Quando queriam juntas, a velocidade ralentava gradualmente. Quando cada uma queria de um jeito, a corda distendia informando de uma ponta à outra como atualizar o investimento de força para não derrubar quem estivesse pulando. Às vezes derrubavam. Às vezes, a que estava pulando, de tão imersa, percebia a distensão e saltava antes da queda.

Ao serem perspectivadas pela alternância de posição, entre quem gira, quem espera observando e quem pula a corda, fazia com que as crianças se formassem no/para/com o movimento, umas com as outras, brincando.

Havia um tempo de concentração antes de entrar, uma espécie de sintonização entre o pulso da corda e o do corpo que ia saltar para dentro dela, algumas contavam em voz alta, outras respiravam junto. Iam arqueando cabeça e joelhos, acompanhando subir e descer, e mais alto, e menos alto, e passa uma vez, e ameaça pular, e vê que esperou demais, e ó ela vindo de novo. E entravam!! Já dentro, comemoravam cada volta com pulos entusiasmados, até que iam começando a cansar e então, agora já se preparavam para sair. A saída era tão importante quanto a entrada. Se demorassem, arriscavam perder a condição de sustentação do ritmo e queimar (pisar na corda) ou levar uma lambada da corda na canela. E algumas o faziam mesmo de propósito, desejavam queimar, pois assim descobriam seus limites de resistência.

Nada externo ou anterior poderia prever o momento de entrar ou de sair. Sempre a ligeireza de perceber os outros implicados em relação à posição que se está ocupando na dinâmica. O movimento só se mantém enquanto tudo pulsa junto, sendo que para a sustentação do movimento, é preciso uma consciência afetada reciprocamente pelas forças que mobilizam o corpo [cada um e os três com a corda e com o chão e, às vezes,

também com o vento e o sol que incidem, sendo outros vetores em direções aleatórias]. Percebem a força que vem de um giro quase que simultaneamente ao reinvestimento da força do giro seguinte. A consciência do movimento não se separa dele.

A essa altura, o homem com suas mãos abanando, se viu de frente pra corda e não soube o que fazer. As crianças não riram do seu completo desajuste e nervosismo, apenas cantaram, criando através do som mais um plano de condução rítmica, uma vibração que tomou seu corpo de tal modo que, sem saber explicar como, se pôs a brincar.

Caiu logo na primeira tentativa. E aí sim, não se contiveram as gargalhadas. Mas que não eram de constrangimento. Ao contrário, ao rirem da queda do homem, as crianças afastavam o peso de gravidade e o permitiam constatar que, apesar das marcas e mesmo da dor, suas condições não haviam se perdido. As marcas que se produziram no seu corpo não o aniquilaram. Não era caso de hospital, mas de riso. Se percebeu encorajado a ir de novo. De um jeito novo. Com um corpo reconfigurado pela queda.

De dentro do jogo, percebia que o grau de mortal não era tão grande quanto lhe parecia de longe. Ou melhor, era sim. E o era tanto quanto andar sóbrio em linha reta ou sentar na poltrona do especialista. Percebeu ainda que sua experiência pesquisando as cordas não lhe assegurava o pulo, porque isso dependia [primeira e mais obviamente] de quem girava a corda, que não era ele, além de tantos fatores alheios a si. Ele não girava a corda para o próprio pulo. Não brincava sozinho.

Só de dentro podia experimentar a queda, o pulo e o riso.

E riu alto.

UM ENXAME DE FORMIGAS

Formiga quando quer morrer cria asas.
(dito popular)¹⁴

Sentavam em torno da mesa redonda da cozinha nas noites de inverno e ali no canto, o fogo do borraio, já braseiro, dava seus últimos suspiros. A velha e a criança aqueciam a mulher, acolhiam suas queixas e fingiam dar a ela conselhos que já tinha. As três formavam o elo de sustentação para aquela casa onde habitava tanta gente. Entre mortos e vivos, contava-se mais de cinquenta. No outro canto da casa, a essa hora, já passada das 22h30, o velho acordava. Sentinela daqueles nove cômodos que mais pareciam um cubo mágico com telhado. O assoalho de madeira abrigava o apodrecimento, e nesse [sob] chão de terra também ecoava o que ficava por dizer. Ecos de silêncios e restos.

Quando entrava setembro, tudo começava a florescer, como era esperado. A primavera trazia o frescor de reinauguração da vida e o pólen das fertilidades. Além dos espirros que diziam da limpeza, de que os animais humanos não escapavam. Havia também um outro ritual animal que marcava a passagem da primavera e convidava o verão. Acontecia no começo de novembro, quando o formigueiro, que vivia no subsolo da casa, saía pelas frestas do calçamento lateral.

Essas frestas existiam porque a figueira estendia suas raízes na direção da cacimba para buscar água, e a casa ficava logo nesse caminho, ganhando rachaduras com o passar do tempo. Era por onde entravam e saíam as formigas.

De uns dias se começava a perceber algumas formigas voadoras, solitárias. A menina e a velha, que eram as mais disponíveis para esses acontecimentos, ficavam atentas sabendo que se aproximava o dia da debandada. O tempo ia ficando pesado, fechando para chuva, sem raio. Quando estava quase por desaguar, a menina saía algariada na porta dos fundos e espiava o buraquinho por onde começavam a sair, jorrar, formigas de asas.

Elas saíam desorganizadas, umas não se atinavam a voar e cambaleavam com as asas no chão, eram presas fáceis. Outras escapavam certeiras e ligeiras que nem se podia acompanhar a trajetória delas. Desapareciam no ar. Formiga cortadeira do mato.

¹⁴ Embora este dito seja mais comum na forma “formiga quando quer **se perder** cria asas”, foi com o verbo “morrer” que o apreendi. Ainda assim, com sentido análogo.

Formiga cortadeira campineira. Formiga preta mineira. Formiguinha de ferrão. Formiga branca.

Aí que olhando ao redor, havia revoadas de pássaros de todo tipo: canário da terra, canarinho, tico-tico, curruíra, beija-flor, colibri, sabiá coleira, sabiá laranjeira, sabiá branco, tesourinha, andorinha, tipiu, anú, forneira, João de barro, cardeal, calandra, sebinho, alma de gato, pavão do brejo, pomba-rola, pomba juriti, pomba carijó, corrilheiro, papa-figo, papa-laranja, papa-abelha, quero-quero, perdiz.

A menina parava na porta de casa e assistia àquele espetáculo hipnotizada. Seus olhos quase não piscavam. Ao final, as formigas rainhas já tinham partido em seu voo nupcial, em busca de um novo subterrâneo onde recomeçar. Os pássaros de papinho cheio começavam a desaparecer e a chuva, como se tivesse tudo calculado, descia mansa e abundante.

A menina arrepiada, ali na porta, não saudava Nanã porque ainda não conhecia seu nome, mas, à sua maneira, ela sentia sua presença. Saltava porta afora e se banhava na chuva, sob as calhas, sob as goteiras das telhas sujas da casa, afundando os pés no barro.

Era parte.

Inspirava profundamente aquele cheiro de terra recém-fertilizada que pairava no ar e saudava a vida que há na morte.

SEM TETO NEM LEI¹⁵

Se abrissemos as pessoas, encontraríamos paisagens.

(Agnès Varda)¹⁶



Quando começa uma existência?

Quantas existências se podem inventar, fazer funcionar,
experimentar seus limites?

Quanto de liberdade dispõe uma história pessoal,
encadeada e correspondente a si mesma?

Irrompeu uma dessas histórias e foi abrindo lugar pra existir.
Mal educada, não pedia licença, nem se desculpava.
Fazia corpo pra vida.

¹⁵ Referência ao filme homônimo. (VARDA, Agnès. *Sem Teto Nem Lei (Sans toit ni loi)*, 1985).

¹⁶ Trecho do filme. (VARDA, Agnès. *As Praias de Agnès (Les Plages d`Agnès)*, 2008).

Uma dançarina cansada

Fulana fez aulas de dança durante alguns anos sem nunca ter dançado. Ensaiaava, decorava e repetia movimentos ensinados pelo professor, segundo um repertório já familiar àquela linguagem. Girava o tronco, suspendia braços, flexionava joelhos, tonificava músculos, comparava com o espelho. Uma outra lhe disse: “não tem jeito certo, dança é expressão corporal.”

A outra tinha razão e usou a linguagem própria da razão para dizer isso a ela. E fulana entendeu bem, porque era muito inteligente e facilidade para entender tinha bastante.

Mas ao voltar ao espelho, de posse dessa informação valiosa, fulana seguiu buscando uma imagem. A imagem da expressão, de que foi alertada sobre. E então flexionou com mais velocidade os cotovelos. Saltou com mais força. Girou mais rápido e mais devagar. Atentou para as extremidades dos membros. Ainda era um eu que observava os resultados dos movimentos tentando fazê-los caber em diferentes ideais de dança. Antes na perfeita execução técnica, depois na expressão corporal.

Acontece que a dança não estava nesse querer caber de um eu idealizado na forma da dançarina. Ela aparecia quando a dançarina se ausentava, fosse por distração, cansaço, doença ou falta de espelho. Nessas brechas, abria-se espaço para que o corpo, antes empregado, experimentasse seus caminhos de existir além e aquém dele mesmo em sua forma habitual. Era nesses momentos que o corpo estabelecia com seus próprios movimentos um outro tipo de contato: intensivo, extensivo e relacional, mediado pelo espaço.

Era o próprio corpo que achava seus modos de expressar e se expressar. Corpo minhoca em cinza quente. Corpo ridículo, sem cotovelo, nem joelhos. Sem ossos, com quadris. Pequenas danças, mínimas, sutis. Dança soluço. Dança erótica.

De fato era de expressão que se tratava a dança, mas o termo “expressão corporal” foi esvaziado por um determinado eu e seu determinado modo de relação consigo e com o mundo. Toda uma questão de tipo de relação. Uma coisa era o que fulana dizia ao corpo, outra coisa era o que o corpo estava tentando lhe dizer.

Aos 25 anos, assim, sem mais nem menos, abandonou as aulas de dança e desapareceu. Uns dizem que fugiu com um circo.

“Uma coisa era o que fulana dizia ao corpo, outra coisa era o que o corpo estava tentando lhe dizer.”

Essa distinção entre quem fala e quem escuta, essa interlocução entre uma fulana e um corpo, conta com o fato de que fulana aqui não é um nome próprio, um indivíduo, uma unidade indivisível. Não se trata de um alguém constituído de mente e corpo, mútua e reciprocamente afetados. Fulana não é “quem”, é “como”.

Não há nem "eu" nem "meu corpo", diz Kuniichi Uno, acerca de Hijikata¹⁷. E diz ainda que o corpo não se submete ao estatuto de objeto ao qual o sujeito lhe predica¹⁸. Já em “uma dançarina cansada”, há uma radicalidade proposital em separar um eu de um corpo, que serve para detectar um modo de funcionamento, por meio do esgarçamento de uma cena hipotética. Nesses cortes, uma fulana é somente um aspecto de uma subjetividade que está reduzida à experiência na dimensão pessoal do sujeito. Uma fulana é um modo de relação.

Ao eleger uma imagem de dança anterior ao ato de dançar, ela opera na sobredeterminação de uma linguagem, e passa a buscar um resultado previamente idealizado para um corpo. Esse modo o restringe à condição de objeto ao qual restam possibilidades como as de conformação, identificação, reprodução e comparação às imagens eleitas como referências.

Fulana, esse modo fulana de relação, possivelmente não nasceu no ato de dançar e pouco importa, mesmo para ela, identificar onde começa. Para sustá-lo, não seria preciso saber a razão ou a causa de sua existência. Bastaria desertá-lo e, para isso, fulana precisa operar um outro modo que é indissociável do corpo: de criação. Modo este que não depende de uma escolha, feita uma única vez, mas sim da condição de escolha que se conquista um pouquinho a cada vez. Desertar é uma prática, um processo que não se esgota.

¹⁷ “Não há nem "eu" nem "meu corpo". "Meu corpo" é disperso e esticado em todas as direções, no espaço sem forma e sem separação”. (UNO, Kuniichi. *Hijikata Tatsumi. Pensar um corpo esgotado*. Trad. Christine Greiner e Ernesto Filho. São Paulo: n-1, 2018, p. 53).

¹⁸ “O corpo não é nunca um objeto puro, na medida em que, ao mesmo tempo em que se possui um corpo, é-se simultaneamente este próprio corpo. Seu corpo é o sujeito indivisível, inseparável de você mesmo, ainda que ele jamais se submeta inteiramente à sua observação, ao seu pensamento, ao seu olhar.” (UNO, Kuniichi. *Corpo-gênese ou tempo-catástrofe: em torno de Tanaka Min, de Hijikata e de Artaud*. Tradução: Annita Costa Malufê. Cadernos de subjetividade, 2010, p. 38).

Bem, ela pode escolher como imagem de referência as mais variadas e expressivas danças contemporâneas, por exemplo, sem sair de um mesmo registro de identificação e de ideal. Ao passo que, ao contrário, em quaisquer danças clássicas, em que se prima pela perfeita execução técnica, o modo fulana de operação pode ser deslocado. Isso sem contar todos os campos outros onde o deslocamento também pode se dar e, assim, reverberar na dança. Não há forma privilegiada¹⁹.

As imagens com as quais escolhe se relacionar não são substancialmente boas ou más em si mesmas, não se trata de valorar comparativamente as diferentes modalidades de dança. Como dizer que técnica e expressão não existem uma na outra? É que técnica e expressão são, para fulana, imagens destituídas de potência, são quase como molduras coloridas de seu espelho.

Há uma chave que não está nas imagens em si, mas no que estou chamando de avesso delas, que é: o modo como irá encontrá-las e também o modo de entrar em relação com o que devém desse encontro. É o modo que irá apontar em quais direções seus movimentos poderão estender-se.

Quem sabe não é até mesmo imóvel²⁰, que se produzam movimentos que um corpo lhe pede? E talvez este já seja um outro: que não se separa mais e que se produz a cada gesto.

Um diário-fogo-fátuo

Sicrana não tinha boca para nada. Tinha bastante sangue nos olhos, mas boca não. Ninguém sabia quando alguma coisa a irritava, geralmente nem ela mesma. De tanto calar, conseguia se convencer de que nada passava e, assim, era tida por todos como um doce de criatura: compreensiva, calma, pacífica, conciliadora, generosa. E de fato, para os outros, ela era. Uma atriz.

Ela vivia inflamada e não tinha pomada que fizesse sarar. Tinha espinhas na região do pescoço e queixo que achava que era disfunção hormonal por ter parado com o anticoncepcional alopático. Cistite. Azia. Queimação. Até o nervo ciático vinha dando

¹⁹ “Há sempre pontos de partida, cruzamentos e nós que nos permitem aprender algo novo caso recusemos, em primeiro lugar, a distância radical; em segundo, a distribuição dos papéis; em terceiro, as fronteiras entre os territórios”. (RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. Trad. Daniele Ávila. In: *Revista Urdimento* vol. 1, n 15. Florianópolis: Ceart/UEDESC, 2010, p. 107-122).

²⁰ “Todo corpo está em movimento. Mesmo imóvel, ainda vem à presença, coloca em jogo o mundo que ele carrega, vai em direção a seu destino”. (TIQQUN. *Contribuição para a guerra em curso*. Trad. Vinícius Honesko. São Paulo: n-1 edições, 2019, p.32).

para inflamar. Frequentemente batia um calor e um suor febris meio assim, sem contexto, sabe? Mas ela já tinha juntado cada causa com qual efeito e criado um arsenal de recursos para a contenção de seus sintomas. Não havia o que fizesse sicrana perder a compostura. Além de atriz, uma lady.

E que isso funcionasse, estava bem. Mas ela andava sentindo um sufocamento esquisito que começou a se tornar cada vez mais frequente e a queimação vinha subindo para a região laríngea, onde já habitavam as espinhas. Eram sensações um tanto desconcertantes para ela – logo ela, uma rainha do autoconhecimento.

Sicrana chistava que queria ter dois estômagos. Havia um tempo que andava com o apetite também bem aquecido e gorduroso. Tinha desejo de moqueca, chili bem apimentado, pastel de quatro queijos com caldo de cana e gengibre. Era quase uma fogueira santa ambulante. E nada e nem ninguém podia abrir aquela boca para outra coisa que não fosse “tudo bem, eu entendo”.

Ela já tinha tanta experiência em lidar com essas *indisciplinas* do corpo que rápido criava uma resposta harmoniosa para todo tipo de cutucada. Malabarismo, contorcionismo, parada de mãos, estrelinha para trás, nado borboleta, virada de pescoço. Um talento de artista todo dedicado em liquidificar seus mal-estares e preservar a pureza da boca.

Escolheu [ainda que muito cismada] ceder ao empurrãozinho da amiga, uma terapeuta holística que deu a ela, de presente, um diário azul. Na dedicatória, sugeriu que aquele fosse o livro dos seus encontros, dores, humores, sonhos e paladares. Sugeriu ainda que ela incluísse seus ciclos internos e os ciclos lunares no diário, mas isso ela achou que era misticismo demais.

Agradecida pelo presente e, principalmente, para não desapontar a amiga, começou a escrever. No começo escrevia tal como falava: só deitava flores no caderninho turquesa. Com o tempo, começou a sentir tanta intimidade com aquele objeto que era como se ele fosse o segundo estômago que ela tanto queria ter. Lugar de ruminar.

Sicrana foi desaparecendo à medida que escrevia, como a vela branca que acompanhava a escrita. Página após página. O caderno foi ficando tão ácido ao acolher suas vísceras que acabou por corroê-la todinha – só mesmo o ácido, quando já se domesticou até o próprio fogo.

Aos 25 anos, desapareceu. E, também com ela, todo trabalho e inflamação que demandava sua existência.

Uma só ou várias sinhás?

Ignora que os afogados, ao reviver, começam por vomitar.

(Deligny)²¹

Criaram um modo de convívio estruturado na disputa. Eram iguais, mas não. Não pertenciam e se reconheciam nessa marca, de não pertencer. Mas uma pertencia mais que outra. E tudo o que afirmavam como predicado também pertencia. A cada queixa, uma acusação, uma denúncia, um embate moral. Elas insistiam no macro e, dizendo combater assimetrias, combatiam uma a outra.

Uma dia, uma discussão corriqueira culminou na frase gritada: "Eu não sou sua assistente". Fulana julgava a forma como sicrana se expressava e deslegitimava o "quê" pelo "como". Maior se tornava o abismo e, assim, ia ficando mais fácil reduzir toda aquela complexidade a inimigo. Como se a moral cristã da humildade servisse à fulana como uma espécie de lente de diminuir o outro e se blindar.

Sicrana culpava fulana pelo privilégio de pertencer e fulana, por sua vez, culpava sicrana pelo desejo de pertencer. Até que um dia essa dinâmica rompeu, sem que elas soubessem precisar como havia se rompido. Sabiam apenas que não havia sido pela palavra. E, desde que essa ruptura se deu, parece que se olharam além do rosto. De seus rostos tão diferentes quanto tão próximos, tão ressentidos de docilidade e forjados em pertencer.

Aí fulana pôde sentir um pouco disso que constituía o abismo. Havia em sicrana uma repulsa à toda forma de subalternização que se encarnava em um comportamento autoritário, de sinhá, enquanto que, para fulana, seu objeto de repulsa era a própria autoridade.

Mas não era sicrana quem ostentava o privilégio desta imagem, quem sempre esteve imune à subalternização não era ela. A sinhá ainda era fulana, que escolhia não acolher aquela forma gritada de denúncia. Era fulana que, imune à subalternidade, julgava. Atribuía a elaboração do trauma do outro como responsabilidade do outro. Nunca coletiva. Jamais dela.

²¹ "Está obcecada pelas abstrações da "honestidade", da "justiça" ou da "disciplina". Encanta-se com suas mínimas manifestações espontâneas, incapaz de reconhecer, entre os cogumelos "morais" que crescem ao sabor das circunstâncias, os comestíveis e os venenosos." (DELIGNY, Fernand. *Os Vagabundos Eficazes*. Trad. Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, p. 36).

De onde vinha esse medo da subalternidade que se protegia no exercício de poder sobre o outro? E como abrigar esse medo? Como acolher o ressentimento do outro sem dizer como ele deve ser expresso? O poder estava ali também, na inconsistência das relações e nos modos, mais que nos predicados. Nas infraestruturas do concreto e da carne.

Estava no entre e demandava atenção ao fenômeno²², ao modo como os afetos encontravam expressão. Esses modos tinham dizeres próprios, para além das informações “objetivas” que portavam. Chegavam por intensidade, no modo como não eram ditos. E foram eles que instauraram outro modo de afetação nelas, para além da acusação, do discurso e da culpa. Da imagem de garantia, do lugar seguro de que se fala. Da blindagem de estar sempre certo.

Talvez o movimento preciso fosse mesmo esse de puxar os fios que, enroscados, sustentam as cordas. Decompor e sustentar.

Fulana e sicrana não confluíram em uma longa relação de intimidade, tiveram apenas um momento de profunda conexão em uma esquina da cidade. Conversaram, até choraram, enquanto o semáforo abria e fechava muitas vezes e, por fim, com um abraço aliviado e amoroso, desapareceram.

Uma cristã desobediente

Cada vez que o desejo é traído, amaldiçoado,
arrancado de seu campo de imanência, é porque há um padre por ali.

(Gilles Deleuze e Félix Guattari)²³

Beltrana formou-se sob a moral cristã. Um dia ela confessou desejar o palco e o padre lhe explicou: isso é vaidade, não se deseja o palco. Ele que, além de padre, também era uma pessoa sensível, incentivou que ela começasse a fazer “coisas de

²² “Na inconsistência geral das relações sociais, os revolucionários devem se destacar pela sua densidade de pensamento, de afeto, de delicadeza, de organização que são capazes de trazer, e não por sua disposição para a cisão, para a intransigência sem objeto ou pela concorrência desastrosa no terreno de uma radicalidade fantasmática. É pela **atenção ao fenômeno**, por suas qualidades sensíveis, que eles se tornarão uma potência real, e não por sua coerência ideológica. A incompreensão, a impaciência e a negligência, eis os inimigos. O real é aquilo que resiste.” (COMITÊ INVISÍVEL. *Aos Nossos Amigos. Crise e Insurreição*. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 233).

²³ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012, p. 18.

palco”, e então esta seria uma consequência digna e natural. Na hora ela concordou e até pensou em entrar para o coral da igreja, mas algo lhe dizia que não era bem isso.

Depois, desconfiando de tal fundamento cristão, percebeu a armadilha. Para ela, se expor excessivamente portava algo de pecaminoso e, ao negar essa imagem de vaidade, o fundamento mobilizava um duplo desperdício da sua potência vital. Para negar a vaidade, que no sistema de representação da sua subjetividade significava o holofote, ela evitava aparecer. Minava-se de inseguranças quando sentia que chamava atenção, sem perceber que a vaidade estava em esconder o que ela representava como vaidoso e ainda sentir-se superior por isso: “eu não sou como essas outras”.

O fundamento continuava operando, e duplamente: como negação e também como negação da negação. Ela nega seu desejo de expressão e fica envaidecida por não ser vaidosa.

Pois para o desejo, a despeito do que o padre disse, o palco exprimia a urgência de livrar-se do fundamento que encurralava suas ações. O que o desejo queria era poder existir livre do juízo moralista que se ocupava em negá-lo. E fazia todo sentido que esse caminho de produção desejante desembocasse em um palco, ou convocasse um palco. Já que, para beltrana, o palco era a imagem mais radical de exposição. Todos os olhares acolhendo a espontaneidade e o perigo de existir em ato. Ao vivo.

Era aí que estava o desejo e não era menos digno que desejar as tais “coisas de palco”, aquelas que o padre lhe aconselhou a investir. Desejo é desejo, ele carrega seu próprio saber. Desenha seu próprio destino ético, se não encontrar um padre ou um guardinha sempre tão afobados em julgar.

Que causa pode ser nobre o bastante para justificar a negação de um desejo?

Um dia, sem saber coisa nenhuma de palco, beltrana subiu nele sozinha, como se estivesse em um karaokê fantasma e fez atrocidades. Divertiu-se como nunca e depois, quando encarou os olhares da plateia de beatas constrangidas, desceu.

Escolheu, entre sentir vergonha e escapar, as duas. E sem precisar do palco, nunca mais deixou de estar nele.

Aos 25 anos, desapareceu. Disseram que fugiu para uma outra cidade onde a Igreja havia sido transformada em salão de baile por decisão da comunidade.

...

Beltrana negava os fluxos que seus desejos desencadeavam, projetando imagens supostamente resultantes deles, segundo uma cartografia dada, e antes mesmo de se pôr a experimentá-los, policiava os gestos e inibia as tentativas inscritas em um corpo que precisava se metamorfosear. Negava seus desejos em nome de imperativos morais e, assim, ia desperdiçando as virtualidades de uma força criadora e afirmativa.

Estava submetida ao juízo que se ocupa em negar/autorizar a ação com base em fundamentos fixados em um espaço tempo que não o presente do acontecimento. Um inibidor do instante. Às vezes, os fundamentos em que se ancoram o juízo ficaram lá atrás na história, seja na narrativa da grande história natural/biológica/geográfica, seja na esfera moral de uma religião, seja no passado de uma história pessoalizada, um fundamento do pai, da escola.

Outras vezes estão muito à frente, respondendo a expectativas-miragem. A questão é que, para Beltrana, não importava mais responder a ele, independente de onde ou quando viesse. Importava deslocá-lo, desfocá-lo em favor de outro agenciamento que se anunciava enquanto um desejo já muito explícito para ela: o palco. Engraçado que às vezes o mais óbvio é o mais difícil de admitir e acolher.

A ideia de segurança que o juízo oferecia era essa imagem precária de um si mesmo que não conseguia deslocar a energia da negação para a produção do desejo, quando este não encontrava uma imagem à qual corresponder. E essa operação se reproduzia consigo mesma, porque impedia até que se percebesse seu próprio funcionamento. O juízo se previne de ser posto à prova, na experiência. Escamoteia e paralisa.

Beltrana teve de inventar formas singulares para driblar o juízo que antecipava um resultado para suas ações e permiti-las para que elas a informassem e também deformassem, como foi preciso.

Uma designer descolorida

Sicrana ia para a agência todo santo dia útil com seu headphone azul. Em um percurso de mais de uma hora entre a casa e o trabalho, cruzava incontáveis seres, percebia alguns humanos, geralmente os mais parecidos e os mais opostos em relação à imagem que fazia de si mesma. Trocava olhares apenas com aquelas pessoas que refletiam uma representação do erotismo já bem estabelecida por ela, fosse atestada pela

narrativa da biologia, supostamente natural, fosse pelo campo simbólico que a constituía ou apenas em respeito a essa imagem de si que se forçava a conservar.

Havia outras presenças que também assediavam seu plano erótico e que não cabiam no papel de par romântico da novela. Estas ela fingia ignorar. Mas, quando desviar o olhar se tornava inevitável, sentia um formigamento nos pés e um calor nas têmporas que até se parecia com ódio. E de *parecer* para *ser* é um pulo.

Sicrana era uma mulher boa e limpa²⁴. Tanto que não cogitava que o ódio pudesse lhe habitar. “Ódio é coisa de fascista.” Muito rapidamente, ela criava toda uma novela nova para dar conta de explicar esse troço de que, a essa altura, duvidava: era o quê?

A partir desse salto, que durava um milésimo quase imperceptível de instante, qualquer bituca de cigarro, tênis de marca, espada de São Jorge, frase de camiseta, até um sorriso se tornava o símbolo do horror, para justificar a paralisia que havia separado seu corpo desse outro que, de alguma forma, a atraía. Qualquer imagem serve, quando a paranoia está com fome.

Entra no ônibus, desce do trem, atravessa a rua, acompanha a calçada sem pisar em lugar algum. Pilota o tapete mágico capitalizado que a mantém na clausura da sua própria cabeça, onde tudo jaz bem encaixadinho, tampadinho e azulzinho, tal como o seu fone e também a paz e o céu.

Sicrana andava frequentemente com a testa franzida, como quem tranca o cocô. Parecia tentar evitar que a felicidade ameaçasse fugir²⁵, embora pouco lembrasse o sabor que ela tinha. Confundia sabor com gosto, gosto com vício, vício com falta. Nessa confusão de inconsciente²⁶, quase não era possível trocar fluxos e fluidos com os meios aos quais se associava. Negava seus próprios traços e projetava²⁷ como “coisa ruim” em outros quaisquer qualquer outra imagem que lhe conviesse acusar.

Abria sorrisos apenas para crianças meigas como filhotes, filhotes puros como velhos, velhos sábios como cachorros e cachorros dóceis como crianças. [havia toda

²⁴ “Porque uma mulher boa / é uma mulher limpa / e se ela é uma mulher limpa / ela é uma mulher boa // há milhões, milhões de anos / pôs-se sobre duas patas / a mulher era braba e suja / braba e suja e ladrava // porque uma mulher braba / não é uma mulher boa / e uma mulher boa / é uma mulher limpa // há milhões, milhões de anos / pôs-se sobre duas patas / não ladra mais, é mansa / é mansa e boa e limpa.” (FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naif, 2012, p. 11).

²⁵ “Quando a felicidade ameaçar fugir, prenda a respiração e não a deixe sair. Não saia! Não perca a próxima atração.” (O Novíssimo Edgar. part. Céu. *O dia é meu*. Ultrassom. São Paulo: Deck, 2018).

²⁶ Refiro-me ao Inconsciente Colonial Capitalístico. Cf. ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

²⁷ Refiro-me ao mecanismo narcísico. Cf. KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

uma inteligência nessa derivação matemática, inspirada no Sérgio Sampaio²⁸]. Para ela, esses eram os poucos seres que considerava dignos da sua confiança²⁹.

Chegando ao trabalho, pegava o primeiro café, acendia o quinto cigarro do dia e sentava para ver a pauta. Esticava os dois olhinhos em direção à tela que, frente a ela, piscavam três vezes menos. Às 13h, descia para comer o almoço que a empresa oferecia gratuitamente de segunda à sexta. No começo, gostava de tudo, principalmente do fato de não ter que gastar seu precioso e escasso tempo de descanso cumprindo essa *tarefa* de cozinhar.

Com o passar dos meses, começou a enjoar do arroz e a implicar com o tempero do molho. Então descia mais cedo e ia para a cozinha atazanar a dona Ana e dar palpites inconvenientes nas panelas dela. Será que queria fazer ela mesma?

Sicrana não era qualquer uma, era designer, a profissão mais popular e populosa da sua geração, ainda que não fosse regulamentada pelo Estado brasileiro. Não tem carteira de trabalho assinada, nem horário fixo: tem ponto eletrônico. Não tem décimo terceiro salário: tem ping-pong, WI, piscina de bolinhas e almoço grátis. Ela optou por não ter contrato de prestação de serviço e não abriu sua MEI, comprava nota de terceiros. O jogo era escorregar nas brechas da ilegalidade e escapar do que pudesse sugar demais. Pensava ter total controle da situação.

Quando criança, sicrana dizia que seria uma artista. E de alguma forma ela era, todas são. Mas tudo que ela criava, com tesão e tudo, era reduzido à criatividade na circulação previsível de sentidos e imagens que manipulava para alimentar a roda cínica do consumo publicizado.

Aquela tarefa de “criar” já era tão automática em seus caminhos de escolha que seus olhos deduziam as cores por informação hexadecimal. #FFFFFF.

Sicrana tinha sacado há um bom tempo que ali não era seu lugar, mas como recomençar depois de um curso técnico, uma faculdade e mais de dez anos de experiência no mercado publicitário? Então seguia sua rotina diária com seu fone azul.

Esse tempo todo de ensino formal com a bundinha na cadeira e as pernas cruzadas havia modulado sua subjetividade e invertido seus valores mais genuínos. Não

²⁸ Sérgio Sampaio. *Polícia Bandido Cachorro Dentista*. Cruel. São Paulo: Saravá Discos, 2005.

²⁹ “Se o democrata tem que estruturar a situação até esse ponto, é porque não confia nela. E se ele não tem confiança na situação, é porque, no fundo, ele não é de confiança. É seu medo de se deixar levar por ela que o condena a querer controlá-la a todo custo, muitas vezes ao ponto de a destruir.” (COMITÊ INVISÍVEL. *Aos Nossos Amigos. Crise e Insurreição*. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 75).

se autorizava a orgulhar-se de nada que realizasse no seu ofício, também não realizava nada fora de lá. Era o pó da rabiola que saía do escritório às 18h de volta para casa.

Aos 25 anos, desapareceu. Dizem que passou dessa para uma melhor.

•••

Entra no ônibus, desce do trem, atravessa a rua, acompanha a calçada sem pisar em lugar algum. Pilota o tapete mágico capitalizado que a mantém na clausura da sua própria cabeça.

Sicrana não pisava o chão e isso não é nenhuma metáfora. Calçada de seus sapatos e valores, ela percorria muitos espaços sem estar em nenhum. Não aterrava a pisada, como se não pertencesse à terra alguma. Era como um balão mágico, inflada de seus predicados essenciais, suas qualidades constitutivas e seus direitos adquiridos³⁰.

Seu balãozinho tinha mais conteúdo que superfície³¹. E na escassa superfície, o grau de porosidade beirava zero. Só podia perceber a si mesma, se submetida a essa fronteira tão rígida quanto imóvel entre [si e mundo] [eu e outro] [o que se é e o que não se é] [continente e conteúdo]. Por mais deslocamentos espaciais que fizesse, não se compunha com os meios que percorria.

Ainda que encasulada nesse balãozinho de ar preso que chamava de indivíduo – seu todo supostamente indivisível³² e impermeável – sicrana havia cindido de sua própria presença e assim sentia-se confusa sobre as presenças que a cercavam, quando estas escapavam à disposição de relações às quais já era familiar. E era nessa divisão do

³⁰ “O indígena olha para baixo, para a Terra a que é imanente; ele tira sua força do chão. O cidadão olha para cima, para o Espírito encarnado sob a forma de um Estado transcendente; ele recebe seus direitos do alto.” (VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Os Involuntários da Pátria*. Reprodução de Aula pública realizada durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, Rio de Janeiro 20/04/2016. In: Aracê – Direitos Humanos em Revista, São Paulo: Associação Nacional de Direitos Humanos, Pesquisa e Pós-Grad. (andhep), v. 4, n. 5, p. 187-198, 2017).

³¹ Ao contrário das plantas: “É com o fim de aderir o máximo possível ao mundo que desenvolvem um corpo que privilegia a superfície ao volume. (...) Sua ausência de movimento é apenas o reverso de sua adesão integral ao que lhes acontece e a seu ambiente. Não se pode separar – nem fisicamente nem metafisicamente – a planta do mundo que a acolhe. Ela é a forma mais intensa, mais radical, mais paradigmática do estar-no-mundo.” (COCCIA, Emanuele. *A Vida das Plantas. Uma Metafísica da Mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018, p. 13).

³² “Imagem de uma suposta unidade cristalizada separada das demais supostas unidades que constituiriam um mundo, o qual é indissociavelmente concebido aqui como uma suposta totalidade, organizada segundo uma repartição estável de elementos fixos, cada um em seu suposto lugar, igualmente fixo. É evidente o teor alucinatório dessa imagem.” (ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 66).

indivisível que tornava-se possível operar o triplo mecanismo³³ de criação do outro enquanto antagonista de um self: negação, cisão e projeção.

Quando a felicidade ameaçar fugir.
Prenda a respiração e não a deixe sair.

Sicrana fazia da felicidade uma métrica, e também uma obrigação. Mas a felicidade à que tinha acesso era aquela do ego. Da confirmação permanente de um si mesmo muito adequado ao entorno e este, por sua vez, ainda mais adequado a tudo que desenhava em suas publicidades. A felicidade³⁴ era, para ela, sinônimo de um mundo todo em harmonia permanente, com balanço de brilho, ajuste de cor, retoque de pele e luz natural.

Já aquela outra felicidade, vital, não cabia nesse mundo - suposto mundo - porque trazia consigo o risco de pôr em cheque todo esforço que dispendia em manter as coisas como eram, nessa suposição alucinatória de si e de mundo, em que tudo parecia tão fixo e ao mesmo tempo tão frágil. Ela deixava desviar os tantos destinos possíveis de seu desejo, escoando-os no que a assegurava narcísica e financeiramente: seu trabalho. Não experimentava a felicidade gozosa desse cumprir-se que é a própria vida arriscando suas formas, riscando com as forças e afirmando as potências inscritas no rumo de desejar.

Um fogo de chão

Fulana chegou à roda como quem tateia na cozinha de madrugada. Sabe como é? Acordar às 2h da manhã e ir até a cozinha se juntar com alguma coisa. Às vezes, basta

³³ “Processos nos quais partes cindidas da psique são projetadas para fora, criando o chamado “outro”, sempre como antagonista do “eu” (self). Essa cisão evoca o fato de que o sujeito branco de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego – a parte “boa”, acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como “eu” e o resto – a parte “má”, rejeitada e malévola – é projetada sobre a/o “outra/o como algo externo.” (KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 34 – 37).

³⁴ “A felicidade como uma espécie de tranquilidade, de ausência de perturbação, de ausência de turbulência. Ou seja, uma pequena segurança. A pequena segurança que vê nesse grau mínimo de tensão a felicidade. Então já é uma ideia de felicidade como tranquilidade, como apaziguamento. No fundo é uma ideia de felicidade que talvez atravesse a história do ocidente em que a felicidade é concebida como apaziguamento ou como mero bem estar. (...) A vida que só reproduz a si em uma mesma forma.” (PELBART, 2019. Anotação de aula a respeito do livro *Assim Falou Zaratustra* de Nietzsche).

um copo d'água, outras vezes, uma coisinha de roer, e tem vezes que a cozinha, no escuro silencioso, vira uma usina secreta.

Era noite de festa na rua da Aurora, som na rural de Roger³⁵ e Axé³⁶. Mãe Beth de Oxum e suas filhas subiam ao palco para puxar uma sambada de Coco³⁷. Fulana observava tudo muito discretamente. Seu corpo habitava uma linha tensionada pela terra que erotizava de baixo pra cima e a vergonha que moralizava de cima pra baixo. Não fazia barulho que pudesse ser visto de fora e fervia toda por dentro. Tremor, circulação sanguínea, eletricidade.

O ego, se vendo ameaçado, quis reinar: “tu não sabe, não pode, é branca, dança feio, toda dura, vão rir, vai ser ridículo, vai passar vergonha, guria”. Mas a base do seu corpo obedecia cada vez menos a esses comandos superiores. Quando olhou para baixo, seus pés ardiavam vermelhos e já marcavam sutilmente os graves no chão. 2 2, 2 2, 2 2, 2 2. Pulso cardíaco de um corpo aterrando.

Ainda tímida e insegura de seus movimentos, ia desencilhando pouco a pouco os braços, desenterrando a cabeça de dentro dos ombros e espiando os olhos ao redor. Tanto foi que uma hora o ego não pôde mais resistir e o corpo se escapou, aceitando o convite de uma mulher para entrar na roda. Dança não se explica, esse poder ritual e ancestral. Vibração de tambor é mágica, marulho cósmico³⁸.

A intensidade experimentada ali não coube na aparentemente curta e única entrada na roda. Fulana ainda era a mesma e já não era também.

Seguiu os movimentos e olhos da noite até que o sol chegasse e o transporte público voltasse a rodar. Pediu um café bem doce na banca do centro e embarcou para Camaragibe. No trem, sentou ao lado de uma moça que usava fones de ouvido azuis e trazia a cara fechada. Até tentou puxar um assunto e, ao perceber que não havia entrada, desenganou. Nem viu quando, como e onde a moça desceu.

Dormiu a viagem toda e, quando desembarcou em Camaragibe, reapareceu.

³⁵ A festa é o Som na Rural, evento gratuito e a céu aberto criado pelo produtor cultural Roger de Renor que se repetia todas as sextas-feiras à noite. Informação disponível em: <https://eucurtorecife.com.br/som-na-rural/>. Acesso em: nov. 2019.

³⁶ Bebida de origem africana, feita em Olinda, a base de cachaça em infusão com 27 ervas e conservada no escuro, tal como se faz com as garrafadas – que são curtidas sob a terra. Informação disponível em: <https://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/axe-bebida-africana-que-tomou-olinda/>. Acesso em: nov. 2019.

³⁷ “Dança tradicional do Nordeste, o coco de roda tem sua origem na união da cultura negra com os povos indígenas no Brasil”. Informação disponível em: <http://averdade.org.br/2012/04/coco-de-roda-origem-e-resistencia/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

³⁸ “Tornar-se imperceptível é a Vida, “sem interrupção nem condição”, atingir o marulho cósmico e espiritual.” (DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 39).

Uma artista *black block*

Beltrana esperava alguma coisa enquanto observava os manifestantes passando na Av. Paulista. Era o segundo ato contra os cortes de verba pública para o ensino superior que o governo de Jair Bolsonaro vinha efetuando no país.

Na margem da multidão, uma imagem salta: duas pessoas vestindo preto e empunhando bastões de madeira acima da altura das cabeças. Traziam apenas os olhos expostos. Eram como dois breus andando a passos firmes e constantes. Não falaram nenhuma palavra, não encerraram ações. Não quebraram nenhuma fachada de banco, não atacaram ninguém e, ao mesmo tempo, nada permanecia intacto ao redor deles. Era como se sustentassem, com aqueles bastões, um aviso silencioso de que a qualquer momento tudo poderia se transformar³⁹.

Uma atmosfera de tensão se movia e fazia estremecer o estômago de Beltrana. Eles passaram e ela ficou ali. Muda, petrificada e desassossegada.

Ao longo dos anos, o lado esquerdo da cabeça tinha soterrado o direito com informações demais. Andava sempre com a narina direita entupida sem jamais desconfiar que pudesse ser de tanto conhecimento [que usava bem, diga-se de passagem]. Só que, naquele caso, não era questão de memória RAM e processamento lógico. Cérebro eletrônico⁴⁰ nenhum daria socorro. Já que não tinha meios de acesso àquela experiência pela via racional – única imagem de consciência que ela acreditava existir – esqueceu e seguiu. Não suspeitando que era de um tanto de esquecimento que ela precisava.

A tensão já estava toda em si, trabalhando no invisível⁴¹, provocando mudanças de estados imperceptíveis a olho nu e absolutamente reais. Aquele abalo sísmico fazia evaporar imagens caducas de memória pela moleira e condensar uma outra anamnese –

³⁹ “Resistir a que o ato delicado de girar a maçaneta, esse ato pelo qual tudo poderia se transformar, possa cumprir-se com a fria eficácia de um reflexo cotidiano. (...) Como custa negar uma colherinha, negar uma porta, negar tudo o que o hábito lambe até dar-lhe uma suavidade satisfatória. (...) Quando abrir a porta e assomar à escada, saberei que lá em baixo começa a rua; não as casas já conhecidas, não o hotel em frente; a rua, a floresta viva onde cada instante pode jogar-se em cima de mim como uma magnólia, onde os rostos vão nascer quando eu os olhar, quando avançar mais um pouco, quando me arrebentar todo com os cotovelos e as pestanas e as unhas contra a pasta de tijolo de cristal, e arriscar minha vida enquanto avanço passo a passo para ir comprar o jornal na esquina.” Manual de Instruções. In: (CORTÁZAR, Julio. *Histórias de cronópios e famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001).

⁴⁰ Gilberto Gil. *Cérebro eletrônico*. São Paulo: Philips Records, 1968.

⁴¹ “Em tudo está a mão do invisível. Aquilo que a gente não vê. Essa é a única realidade real. É impressionante. Nós não vemos, não palpamos, no entanto isso que não vemos nem palpamos que é o concreto.” Mateus Aleluia no filme: BEZERRA, Tenille. *Aleluia, o Canto Infinito do Tincoã*, 2020.

anterior, interior, exterior, ulterior – a ela. Era densa a descarga a ser digerida e o estômago deu sinal.

Beltrana acompanhou o curso dos seus amigos até a dispersão do protesto, que findou com chuva em frente à Alesp. Se molhou, se sujou, se perdeu e voltou para casa. Tomou um antiácido para o que lhe parecia azia e um anti-inflamatório para conter os espirros que atribuiu à chuva. Ela afastava tudo que parecesse doença medicalizando o corpo físico, numa espécie de “cala a boca”, e assim o tratava desde que se entendia por gente, mas esses órgãos tagarelas pareciam querer outra atitude dela, menos autoritária. Algo como uma surdez do olho⁴².

Cinco dias depois, ela sonha que está percorrendo uma trilha tão estreita quanto o comprimento dos próprios pés. Essa trilha é como um degrau circundando uma falésia enorme. Ela está se movendo de lado, da esquerda pra direita, com a coluna hermeticamente colada à parede rochosa atrás de si e as mãos espalmadas, tateando a pedra nas laterais do corpo para ancorar cada passo. À sua frente, o oceano ainda mais imenso que a falésia. Ela, miúda, está seguindo alguém sem rosto que logo desaparece no contorno desse continente. Para. Se percebe embretada naquela situação, sem saber como chegou até ali, tampouco como desvencilhar-se dela. Para trás [à sua esquerda] não era possível voltar. Ir para frente [à sua direita] era, mas ela pensava que quanto mais para longe continuasse se movendo, mais teria por voltar. E voltar não era possível [talvez até fosse, considerando a cena, mas nesse sonho não era]. Beltrana dá mais quatro passos à direita e para de novo. Mais apavorada e sem saída. É uma encruzilhada! Dois caminhos laterais, o fundamento nas costas e a vida à sua frente. Precisa tomar posição! E a toma na forma de acordar, saltando da horizontal e se pondo em pé, já fora da cama.

Não precisou entender o sonho, ele já tinha soprado um desejo no modo como a fez despertar. E, independente da interpretação [à qual ela mesma nem se ateuve acordada] já habitava o salto. Beltrana tinha que fazer uma performance! Brotou com essa ideia e foi comprar uma balaclava na internet. Queria experimentar a sensação de ser *black block* como a dupla da Paulista. Mas ela não era uma *performer*.

Fazia poucos dias que tinha recebido a visita de um amigo nômade, anarquista que fazia cinema no Rio de Janeiro, com quem costumava trocar textos e questões existenciais por email e telefone. Um dos textos que ele lhe mostrou falava em ação

⁴² [Não encontro mais de onde tirei essa imagem que pensava ser do Manoel de Barros].

estético-política. Dizia que “não precisa ter um bacharelado em arte, um doutorado em filosofia, um brevê de piloto, ser um jogador profissional de futebol ou ser uma pessoa foda. [...] toda e qualquer pessoa é capaz de fazer uma ação estético-política”. Bingo! Era a autorização que ela precisava.

Demorou mais de mês criando coragem para o grande dia. Primeiro porque não encontrou, em toda a internet, uma balaclava do *modelo certo*. Depois porque seus horários de trabalho comum não batiam com o horário ideal para uma *performance de arte contemporânea*. Depois porque não havia ninguém que pudesse filmar e fotografar a ação [para que serve uma performance se não gerar imagens?]. E, por último e mais trágico, Beltrana quase teve um troço: descobriu que alguém tinha *roubado* sua ideia e feito a performance antes dela. Tudo por água abaixo!

Conforme os dias passavam, Beltrana foi pensando melhor e resolveu que ia fazer a sua coisa, mesmo com todas essas *adversidades*. Afinal, teve o sonho; e o amigo; e o casal da paulista; e o desejo; e tudo isso ainda importava mais do que toda essa parafernália que o ego [tão grande ou tão pequeno – dá no mesmo] empurrava para cima dela.

Domingo ela fez a mochila com a roupa preta: um tênis comum, assim disfarçadinho, calça preta, blusa preta, calcinha preta, meia-calça preta e um casaco de gola alta, preto. Segunda-feira de manhã foi trabalhar com a personagem extra na mochila, planejando fazer no fim do dia o deslocamento do trabalho para a aula [Pompéia - Arouche], vestida de ninguém.

Beltrana passou o dia com frio na barriga e nos joelhos, nem sabia que dava para sentir frio nos joelhos, mas nesse dia sentiu. Estava com medo, sabia nitidamente que era medo, mas quando tentava explicar para si mesma o que ia acontecer, percebia que não havia razão para ter medo. Era uma mulher branca e, por mais disfarçada que estivesse, não seria confundida com “um criminoso de verdade”. É que esse medo não era de sofrer agressão no corpo físico – esse ela fragilizou de propósito. Mas era um medo de morte. E um desejo também.

Fim de expediente. Desceu até a cozinha, comeu uma banana do total de três, que foi tudo que desceu naquele dia. Preparou um arquivo com uma série de perguntas que vinha se fazendo e que, de alguma forma, mobilizaram aquilo tudo, ainda que ela não juntasse lé com cré. Aqui as anotações:

[...]

Que máscaras passam? Que rostos passam? Quem tem direito ao rosto? A que rosto? Um rosto pode ser um buraco negro que encobre pequenas lascas do muro branco? Nos olhos, nos pés, nos movimentos, na voz. No ato. Como seria uma rostidade sem rosto? Como se relacionar sem essa interface? Ainda assim a rostidade permanece? Uma mão branca. Um pé de mulher. Uma ação anárquica. Será performance? Será uma vida comum? Quem é o artista? Em que espaços ressoam suas ações? Quem ocupa a rua? Como os espaços públicos se organizam? Que interfaces afirmam tais ou quais rostos? Me interesse cada vez mais pelos efeitos das ações, que pela imagem de uma artista que teima em competir por reconhecimento. A que o meu corpo se expõe? Guerrillagirls. Subcomandante Marcos. *Black blocks*. Mc Beiblade. Devir Clandestina. Ética invisível. Sem imagem. Sem moral? Ser oculta e presente. Desmoronar o eu pra criar outros gestos. Outra corporeidade. Outra existência. Cotidiana. Desertar o projeto pensado. Fazer por fazer. Por rede. Por ramificação. Coexistir o contrafluxo no fluxo. Observar as tensões dessa presença. Dessa mistura. Dá pra publicar anarquismo na Amazon? O que é o delírio do neutro? Quem é neutro? Como um rosto coberto pode favorecer um corpo sem órgãos?

[...]

Meio sem saber o que fazer com todas essas questões, guardou-as junto com o medo na mochila que vestiu nas costas, e saiu. Já tinha anoitecido e, nesse horário, o trânsito era intenso. Ela não enxergava quase nada com o rosto coberto pela meia calça. Percebia apenas luzes mais fortes, objetos distantes e ouvia bem. Também sabia quando olhavam para ela.

Subiu no ônibus [aquela luz branquíssima], se comunicou por gestos com o cobrador e sentou no fundão.

Quando desceu no Arouche, reapareceu.

Uma raiz aérea de Umbu

Qualquer árvore que queira tocar os céus,
precisa ter raízes tão profundas ao ponto de tocar os infernos.

(Carl Jung)

Beltrana fez boa parte do percurso da igreja católica. Uma aluna dedicada do batismo à catequese. Parou logo antes de chegar à crisma, porque a adolescência vinha lhe abrindo caminhos demais e ela era muito dada às tentações – era dessas que se encanta com tudo um pouco e se apaixona com facilidade.

Deixou o grupo jovem batendo a porta com força. Briga feia. Não levou nem os amigos de lá. Só levou deus, que foi alternando em várias imagens, sempre as mais opostas possíveis às da igreja católica. Pintou deus no hardcore. No psicanalista. No veganismo. No mestrado. No sagrado feminino. No coach. Nas raves. No calendário Maia. Na low carb. Não tinha critério de estilo na escolha das imagens. Elegia qualquer uma e dava jogo.

Tal como um grãozinho de areia, se mimetizava em qualquer meio ao qual se juntasse. Se misturava bem. Só não era muito de se expressar gratuitamente. Cismada, desconfiada que só, falava apenas quando tinha certeza de que estava certa. Como quase nunca tinha certeza de nada, quase nunca falava.

Aos 16, começou a trabalhar e a administrar escolhas e contas. Era responsável por se bancar nesse sentido econômico, o que lhe oferecia uma invejável independência. Mas, ainda assim, beltrana não se bancava. Não parava em pé por mais de 15 minutos sem ficar queixosa. Em fila era uma desgraça. Os pezinhos tamanho 36 logo reclamavam dos seus 173 centímetros de altura. Parecia um pêndulo de ponta cabeça. Bamboleava aquele par de pés em um ponto mais ou menos fixado no chão e dos joelhos para cima era um ponteiro enlouquecido. A cabeça desbaratinada dava voltas panorâmicas sem mirar nada ao redor.

Ela era como o Umbuzeiro: alta, folhuda, solitária, assombrada, atraente e de cerne⁴³ frágil. Só que, diferente do Umbu, beltrana não tinha raízes, do mesmo jeito que não fedia nos pés. Não tinha enxofre⁴⁴.

Vivia nas alturas, girando a cabeça entre nuvens mais ou menos azuis, mais ou menos cinzas, e sonhava muito, até acordada. Nesses múltiplos e simultâneos sonhos, às

⁴³ O cerne é a carne da árvore.

⁴⁴ S.: Sulfur do latim sulphur.

vezes apareciam raízes, mas nunca no chão. Quando apareciam, eram futuras, aéreas, voavam na direção de mercúrio. Ela tinha facilidade para dormir e não tinha medo dos seus sonhos, nem dos mais assombrosos. Sonhava, imaginava e visualizava futuros para si e raramente se encorajava a olhar para trás e a acolher visitas de memórias passadas.

Mesmo com tantas viagens oníricas, beltrana não se sentia livre. Tinha uma bola de chumbo atrelada ao calcanhar esquerdo. Às vezes, durante esses voos, em que nada media e pesava, ela a esquecia. Mas, toda vez que se punha sobre duas patas no chão tornava a lembrar da precariedade de sua base. Então a bola de chumbo subia pela ossatura da perna, atravessava todo o abdômen, chegava ao pescoço e se alojava na laringe, comprimindo todo o peito.

A vó dizia dela: essa é tal qual um porongo, cabeça quente que é um fogo e a barriga que é um tambor. A barriga era salgada. Disparava, empacava, estremecia, uivava. Tinha a barriga tagarela, mas beltrana não acreditava muito em si mesma do pescoço para baixo. Pensava existir somente as imagens que recebia de cima e das sensações sempre desconfiou.

Na adolescência, beltrana se interessava muito por esportes. Algo naquilo excitava sua competitividade e aflorava imagens de autoafirmação. Força viril que ela associava a um masculino, tão frágil e atrofiado em si. Colecionou medalhas no futsal, medalhou também no atletismo e, quando estava começando a sacar por cima no vôlei, caiu. Caiu feio e daí foi ladeira abaixo. Entre cair e levantar, se foi um ano na cama.

Ela já cursava o rumo de sua profissão. Sentou na cadeira do escritório e de lá não saiu mais. Da cama para a cadeira, da cadeira para a cama. Nunca em pé. Beltrana jamais percebeu essa característica. Na sua cultura era muito comum que as pessoas permanecessem sentadas em cadeiras. Nos ofícios. Nas aulas. Às mesas. Nos bares. E beltrana sempre optava por não estar em pé, exceto quando fumava. Fumar era das poucas coisas que justificava a ereção. E fumava muito.

Essa dificuldade em se bancar fazia com que ela não pudesse reconhecer que os próprios movimentos eram frutos de suas pernas. Quando ia longe, parecia ir com o fogo e voltar com o vento. Mas se dependesse de terra, beltrana ficava ali mesmo. Sentava no meio fio e chorava apertada nos sapatos.

E assim também funcionava com suas ideias e visões. Via longe, internamente falava muitas línguas. Se comunicava com planos outros, que não o social codificado por sua cultura e língua determinadas geograficamente. Aliás, essa era a língua que ela menos dominava. Quando ia falar, se via soterrada por imagens que desciam da cabeça

para a barriga, se encharcavam de emoção e, ao subirem como balbucios de palavras pelas cordas vocais, esbarravam naquela bola de chumbo alojada na laringe e compunham um sufocamento que beltrana engolia forçosamente.

Ela precisava falar alto, em pé, em um megafone. Precisava enraizar a barriga na terra, donde poderia sustentar suas posições no mundo, sustentar sua voz mesmo quando desafinada, sustentar a si ainda quando desfeita. Precisava segurança para afrouxar a garganta, sujar pés e mãos e soltar o verbo no bom português.

Aos 21 anos, beltrana teve de arrancar os dentes do siso. Em duas tacadas, quatro ossos subtraídos de si. Ela jamais pensou que os dentes pudessem carregar memórias consigo, e carregavam. Beltrana soube imediatamente que aqueles buracos abertos faziam emergir linhas de passado e futuro e desacomodar tudo de sólido em que se firmava. Nesse abalo, desabou a bola de chumbo e também o véu dos sentidos.

Levou 15 dias em recuperação, período em que ficou em casa e aproveitou para mexer em tudo que alcançava. Inventariou cada tarraxa de brinco que tinha, olhou para seus objetos como se visitasse o interior do próprio corpo. Faxinou cômodos e órgãos, um a um. Separou apegos e gostos, propriedades e recursos, cicatrizes e marcas⁴⁵. Desfez-se de algumas coisas, reciclou outras.

Juntou o que não lhe interessava mais e foi até o fim da estrada na intenção de encaminhar tudo ao bazar da igreja. Chegando na porta, trocou os pés na escadaria da entrada e caiu. “Cléque”. Tá lá o corpo estendido [de todo comprimento] no chão⁴⁶, sem ter arranhado nenhuma outra parte além do pé esquerdo, que pulsava aquecido. Ligamentos rompidos! Levantou logo antes que o pé esfriasse e começasse a doer, deixou a sacola e voltou para casa. Beltrana tinha uma consciência corporal ampla e atenta. Não caía quase nunca, nem sequer esbarrava. Não soube dizer o que nela a havia derrubado.

A mãe ligou como quem intui a arte: “¿*qué pasó?*” Beltrana contou e riu sem entender a resposta debochada da mãe: “isso é deus te mandando ajoelhar e rezar que tá faltando”.

Não tinha o que entender.

⁴⁵ Refiro-me às marcas em um sentido mais próximo da experiência. Cf. ROLNIK, Suely. *Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. In: Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

⁴⁶ João Bosco e Aldir Blanc. De Frente Pro Crime. *Caça à Raposa*. Nova Iorque: RCA Victor, 1975.

Aos 25 anos, desapareceu. Não se sabe se subiu, solta dos ligamentos que mantinham seus pés na terra, ou se desceu, desabando para dentro de seus buracos.

Uma doutora sem membrana

A vida sempre foi muito difícil para fulana, que se via como um caso de superação digno daqueles programas de auditório que passam à tarde. Ela até reconhecia que, na África – que, até há pouco, pensava ser um país –, crianças tinham uma realidade mais difícil que a dela. E só.

Fulana passou por bastante coisa e, a cada passagem, algo de importante desmoronava. Ela chorava e não entendia o sentido de tanta ventania a toda hora. A cada vez, a cada volta, ela também alargava a si. Tinha muitas formas de estrutura com as quais contar para atravessar e elaborar os acontecimentos mais duros. Ainda assim, escolhia memorizar a dupla: tragédia – superação, como mérito pessoal e sobre humano.

Fulana não acreditava em nada. Nem santo, nem papa, nem Rede Globo, nem governo, nem pai e mãe [especialmente em pai], nem em homem nenhum, diga-se de passagem. Acreditava no trabalho. E dizia acreditar em si [não se sabe].

Via nobreza em seu próprio esforço e, também nele, o anúncio dos méritos futuros que justificariam seus investimentos e renúncias. Da mesma forma, supunha que funcionasse para os outros. O olho da justiça de fulana avaliava nesse registro.

Quando se sentia desanimada, não sustentava nem por um instante aquele tipo de vibração que considerava inferior e “coisa de gente fraca.” Era o tempo de se perceber com o giro um pouco mais baixo e já saía porta afora buscando o que a devolvesse sua versão *top*.

Fulana era intensa e mergulhava de cabeça em tudo o que escolhia, desde que fosse uma coisa de cada vez. Uma fase marcante foi a da representação [quase militante] da Erbalife, que muito rapidamente foi desmascarada por ela mesma e substituída pela alimentação saudável, em que preferia comprar comida de verdade na sessão de orgânicos do Walmart. Depois teve a fase do *crossfit*, que rendeu até uma tatuagem “*no pain. no gain*” atrás do ombro direito, nessa época já não consumia mais mercadorias orgânicas e fazia suplementação alimentar dirigida.

Era muito convicta das suas narrativas e, quando se convencida de alguma coisa, não conseguia conciliá-la com outras verdades, outros modos de narrar o mundo. A

cada vez que seu mundo se reconfigurava em nome de uma nova verdade tomada como absoluta, era como se a transitoriedade dele se apagasse, como se ele não tivesse girado tantas vezes quanto precisou girar, como se tudo sempre tivesse sido da forma que é. E como se esse mundo fosse se manter fixo eternamente. Quando convencida de alguma verdade provisoriamente escolhida, ela esperava que esta fosse a escolha feita por todos.

Fulana ia substituindo seus interesses e descartando os saberes cultivados em cada fazer, antes que eles pudessem afetar-se entre si. Era como se não quisesse levar nada consigo. Passou pelos escoteiros, sem lembrar sequer um nó.

De alguma forma, esses universos também competiam com o trabalho e acabaram perdendo espaço. Ela era forte, determinada, batalhadora e resiliente. Seguiu vitoriosa a sua vida, que já não era mais tão difícil. Prestou concurso público e conseguiu ocupar a única vaga aberta para professora, na Instituição mais renomada da cidade. Eram mais de dois mil inscritos e somente ela passou. Cada um, desses dois mil candidatos que não entraram, foi responsável por aumentar ainda mais o brilho da sua vitória.

Estabilidade, segurança, plano de carreira, e a possibilidade de estar sempre ensinando – que, pra ela, significava dizer aos outros como as coisas foram, são e devem ser. Fulana era uma boa professora, dedicada às disciplinas que se encarregava de transmitir. Tinha um compromisso matrimonial com a Ciência, o Conhecimento e a Verdade, e não tolerava que seus alunos creditassem outras fontes que não fossem comprovadas e consagradas pela ciência moderna ocidental. Eram absurdas palavras como sentir, intuir e achar. Ela prestava sua existência ao trabalho de assegurar o palavrório dos seus alunos – bendito futuro da humanidade.

Um dia, em resposta à arguição de fulana, uma aluna disse: “sinto que sim, professora”. Fulana saltou imediatamente dizendo que sentir não é uma boa palavra para a Ciência. A aluna ficou desconcertada, não confrontou discursando, mas entortou a cabeça como quem questiona profunda e respeitosamente.

Fulana se intitulava sujeito aberto e respondeu àquela intervenção sutil da aluna. Retornou animada à sala de aula e trouxe, em *slides*, letras de músicas escolhidas por ela e um rádio para reproduzi-las, propondo que a turma emitisse pareceres que traçassem uma interpretação psíquica dessas músicas – que falavam de luto, ruptura e elaboração. “I Will Survive” marcou a lista.

Fulana dançava na cadeira enquanto os alunos escreviam seus pareceres. A sala começou a se animar em comentários, pequenas dancinhas, assobios e cantorias, até que

fulana deixou escapar: “Ei, concentração! Só eu posso me divertir aqui. Vocês têm que escrever os pareceres.”

Em silêncio, redemoinhando em torno de seus pensamentos, fulana se convenciu da importância que é impor hierarquia. Talvez ela pensasse que era preciso ser dura com os alunos, assim como a vida havia sido com ela. Estava ali para garantir que eles sofressem o suficiente para se tornarem bons sujeitos, dignos e disciplinados.

Na semana seguinte, não houve aula, fulana teve uma hemorragia interna na narina direita. Não se sabe o que passava, ou deixava de passar, de um lado para o outro, na sua cabeça.

Aos 25 anos, desapareceu.

Uma musicista encabulada

Sicrana queria tocar. Quando criança arrecadou um violão abandonado e começou a passar tempo com ele. Escolhia as músicas que gostava, buscava as cifras, reproduzia as posições das figuras, decorava as letras, mostrava para alguém. Ela gostava de ser vista tocando. Sonhava em tocar em um estádio de futebol e também em volta de uma fogueira.

Algumas vezes acontecia de ela estar em meio a uma roda de amigos e querer tocar com eles, mas as músicas de que ela gostava ninguém conhecia. Sentia-se uma incompreendida por todos aqueles *ignorantes* que não tinham *bom gosto*. Às vezes, alguém puxava uma que ela gostava, mas não sabia. Aí era a conta: passava aquele instrumento como uma batata quente para a mão de alguém e ficava quieta, convencida de que era uma farsa musical.

Ela não entendia como seus amigos sabiam exatamente as músicas que todos gostavam. Tinha um, especialmente, que conseguia fazer todo mundo cantar, até ela mesma não resistia à animação que o menino fazia existir. Se perguntava por que não tinha esse dom divino de alegrar a turma. De ser som e poder estar em coro – coisa que os meninos pareciam fazer com facilidade, enquanto para ela era quase impossível.

Sicrana resolveu relaxar um pouco com seu repertório e tirou até umas milongas para o caso de estar entre os nativistas gaúchos. Samba: *check*. Mela cueca: *check*. Pop nacional da novela das oito: *check*. Pop rock de rádio FM: *check*. Folk europeu: *check*. Tema do big brother: *check*. Com esse acervo, tinha garantida pelo menos meia hora de

som em qualquer estilo. Estava prevenida para todo tipo de demanda do seu público, menos para improvisar.

Aconteceu que um dia ela estava em um sarau muito bacana na casa da árvore, com várias pessoas interessantes que tiravam sons de objetos como uma máquina de escrever aposentada, uma escova de dente elétrica e um dínamo de barbeador. E ela se viu, então, sem recursos para se juntar ao grupo. Ficou só observando, movendo-se com olhinhos brilhosos e desejando se sentir parte daquilo, de alguma maneira.

A certa altura, começaram a brincar dançando com uma bola imaginária, jogavam a bola para cima, passavam de mão em mão, um fez que engoliu a bola e a tirou pelo joelho, até que alguém jogou essa bomba para ela, que paralisou completamente, esboçou um beijo de choro, disfarçou pondo a mão na cabeça e correu para o banheiro.

Acho que ficou ali, companheiro, trancafiada no banheiro⁴⁷ mais de uma hora. Essa nem chegou aos 25, sumiu ali mesmo! Parece que desceu ralo a baixo.

Uma princesa progressista

Beltrana andava de redoma por aí. Era seu meio de transporte para qualquer situação. Ao seu redor estava sempre aquela bola de cristal congelado com um arsenal de significados pronto para cada circunstância. Esse inventário de sentidos, que era imprescindível para lidar com questões burocráticas e de convívio social, também se desdobrava em uma necessidade de que tudo coubesse nele, ou ainda, que ele fosse aplicável a tudo. Fato que agitava muito a cabecinha dela.

Veza ou outra alguém esbarrava na sua redoma. “Esses estabanados que não olham por onde andam. Perdoa senhor! Eles não sabem o que fazem.” Ela sabia tudo! Sabia o que se deve comer, e como, e com que frequência. Como se deve andar e vestir, segundo as harmonias cromáticas, as tendências *fashion* e as estações do ano. Tinha a Constituição e a lei gravadas na parede curva e espelhada da redoma, e a garantia de que tudo o que ela aprendesse, jamais fosse esquecido.

Deve-se reconhecer que ela batalhava muito pelo progresso de sua redoma. Além de memorizar, ela também estudava constantemente, aprendia, raciocinava,

⁴⁷ Juliana Perdigão. *Mulher Depressa*. Folhuda. São Paulo: Circus Produções Culturais & Fonográficas, 2019.

comparava, conferia, calculava em termos dos contrários. Havia um esforço altruísta em aprimorar sua redoma à imagem e semelhança de si ou de uma naftalina, como se quisesse desinfetar e perfumar o mundo com toda sua humanidade, perfeição, beleza e justiça.

Beltrana protegia, ali dentro, uma versão de mundo asséptica e muito bem organizada. Cada coisa permanecia em seu devido lugar, ainda que fossem muitas coisas, cada vez mais coisas [tinha esse gosto *exótico* pelo acúmulo]. Tudo que entrava na redoma era antes vistoriado por uma equipe especializada, interrogado e esterilizado até que se tornasse completamente previsível e inofensivo. Só então, depois de muito bem assegurado, podia ser incluído no repertório. A equipe desses especialíssimos intérpretes era vasta, contava com integrantes da ONU, da Nasa e do Google, representantes do FMI, políticos apartidários, líderes neopentecostais, *coaches* holísticos, pacifistas comunitários, um indígena, um pensador negro, alguns empreendedores e muitos *digital influencers*. Além do grupo de conselheiros formado por seus amigos mais bem sucedidos e bem relacionados, de modo que quase qualquer coisa podia ser fagocitada por sua redoma sem pôr em risco sua integridade.

Essa uma viajou o mundo sem arriscar sujar sequer um dedinho do pé, pondo-o para fora da pelota. Era uma exímia turista e sabia como viajar sem sair do lugar⁴⁸. Experimentava pratos de culinárias típicas dos países subdesenvolvidos que visitava, geralmente acompanhados de um suco pasteurizado e embalado a vácuo, pois temia os micróbios. E fazia questão de ter uma foto ornamentada por algum humano nativo feito de espelho, para mostrar ao seletivo grupo de amigos da sua rede.

Muito mais ela podia e era:

Podia comprar qualquer coisa, embora não soubesse escutar quando o corpo pedia um chá, uma cachaça ou um suco de pneu.

Era devota do ecodesenvolvimento, militante da felicidade sustentável e totalmente a favor da liberdade individual [há dúvidas sobre o raio de abrangência dessas bandeiras que portava em seu umbigo].

Mas, de uns tempos para cá, beltrana passou a desconfiar de que não estivesse sendo verdadeiramente amada pelo cosmos da própria redoma.

⁴⁸ “É a relação da subjetividade com sua exterioridade - seja ela social, animal, vegetal, cósmica - que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda a aspereza. O turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamento.” (GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2001, p. 8).

Aos 25, logo quando se preparava para casar com o maior especialista de sua redoma e planejar o nascimento do seu sucessor, o príncipe Enzo, tudo explodiu! Redoma e Enzo e os especialistas e as autoclaves. Todos fora de seus lugares, alguns desintegrados, partículas suspensas no ar. A redoma havia sido atropelada por um caminhão tanque que levava leite da zona rural para a cidade.

Beltrana desapareceu! Junto com sua voz de taquara rachada e seus documentos de identificação. Um fato lamentável, mas não houve lamento algum, apenas copos de leite marrons enviados por redomas vizinhas ao redor do globo.

Um objeto semi-identificado.

Assovia o vento dentro de mim. Estou despido.
 Dono de nada, dono de ninguém,
 nem mesmo dono de minhas certezas,
 sou minha cara contra o vento, a contravento,
 e sou o vento que bate em minha cara.

(Eduardo Galeano)⁴⁹

Fulana estava no pátio de casa, ociosa. Aquele tempo ocioso que abre buracos no muro dos afazeres e urgências. Eis que cai na sua frente uma pipa. Simples, levinha, e com alguns rasgados, marcas de que era uma jovem senhora pipa bem vivida. A pipa se atirou ali no chão, pendurada pela rabiola que enganchou na calha da casa. Fulana logo pensou que devia encontrar a criança proprietária da pipa. Engraçado que nessas horas logo vem a imagem de uma “criança carente” a quem fulana deveria salvar, sendo ela superior a essas crianças e seus pobres brinquedos velhos. Fulana se vê como uma heroína da Cruz Vermelha e parte na missão de salvar pipa, e criança, e mundo. E à medida que começa a entrar na relação da pipa com a calha, é enredada junto daquele nó cego, de modo a esquecer suas messiânicas missões de salvação e devir pipa. Devir cúmplice. Devir criança. Esqueceu-se de tudo por algumas horas, um tipo de vazio que nenhuma imagem de meditação tibetana havia lhe proporcionado até então. Ali só importava a relação com aquele objeto-espaco-tempo, aquela relação com ela mesma para alcançar o vento.

Assim que desenganchou a pipa da calha, a consciência cutucou outra vez: “tu não vai devolver essa pipa pra criança? — Sim, eu vou. Deixa só eu experimentar bem

⁴⁹ GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: LP&M, 2005, p. 270.

rapidinho aqui.” Fulana já tinha empinado pipa na vida, já tinha sido criança e, no campo onde morava, o vento era abundante dançando nos céus. Ela achava que as coisas ficavam intactas no corpo, como andar de bicicleta que nunca se desaprende. E sim, estava ali no corpo, mas o saber corporal não se sustenta sem prática. Não era “natural” como ela pensava que seria. Precisava retomar um tipo de relação com um corpo que há muito vinha sendo negligenciado, medicalizado, organizado, contido, conformado e que estava um pouco fora de forma para as brincadeiras.

Ali não era o campo onde costumava brincar de vento. Ali tinham telhados, calhas, paredes, árvores, fiações elétricas – o que foi tornando tudo mais desafiador. E bem, desembestada em ver a pipa voar, foi se deixando deformar pelo jogo, tornando-se uma acompanhante dos movimentos intempestivos que raiavam e esbarravam. Foi correndo um pouco, agachando, encolhendo a linha, saltando enviesada, desviando a rabiola, recolhendo, desenredando, esperando, recomeçando, respirando, rindo.

Assim foi a tarde toda. Pouco a pouco, tudo foi sumindo como se levantasse voo.

Eparrey Oyá!

Um pandeiro cigano

Sicrana há muito havia ganhado um pandeiro. Tinha o aro feito de um compensado largo e a pele de couro, o que lhe dava peso e também o fazia soar alto e grave.

Era comum ver as gentes tocando nas rodas de samba e, mais raro, nos rodeios que ia quando criança. Em geral, eram os homens que tocavam e em apresentações contextualizadas por uma delimitação: as tais rodas – de samba ou de vaneira.

O pandeiro de sicrana esteve em silêncio por anos. Parecia difícil, distante e talvez fora de contexto para ela, que não frequentava rodas e não ia a rodeios desde a infância. Então ele ficava lá, quieto no seu canto.

Passado longo tempo, sicrana se mudou. Foi para uma cidade grande de que sabia apenas do tamanho e do fato de ser habitada por gente de todo lugar e de todo tipo. Arrumou uma única mala pequena, ainda sem saber onde iria morar e, dentre os poucos objetos que escolheu levar consigo, estava o pandeiro em uma sacolinha de pano que vestiu a tiracolo.

Das tantas novidades que a cidade lhe apresentou, estava a frequente presença do pandeiro nas ruas. Sem o tal contexto que lhe parecia necessário. Quando ia ao centro, via nas calçadas, nas praças e nos metrô muitas duplas ou trios tocando e cantando, acompanhadas de um pandeiro e algum instrumento harmônico ou melódico. Às vezes até artistas solos somente com um pandeiro e a melodia da própria voz. Ela achava o maior barato e sempre que podia, parava, ouvia com atenção, interagia.

Sicrana participava de um grupo de mulheres que viajavam sozinhas, com pouco ou nenhum dinheiro e, através desse grupo, mulheres viajantes trocavam informações preciosas, também pediam e ofereciam ajuda e hospedagem. A essa altura, sicrana já tinha encontrado uma casa e pôde receber duas meninas que viajavam mochilando pelo Brasil e tocando nas ruas. Agora adivinha, o que tocava uma das duas meninas? Claro! Pandeiro.

Era a primeira pandeirista mulher que ela encontrava e algo vibrou desse encontro. Sicrana começou por desacomodar o instrumento da prateleira pouco acessível em que ele ficava guardado, trouxe para cima da mesa de trabalho. Ele ficou ali, bem exposto e até atrapalhando um pouco. Ela o queria assim mesmo, porque toda vez que tinha que mudá-lo de posição já o balançava uns minutos, fazia contato. Então começou a buscar vídeo-aulas gratuitas na internet e fazer alguns exercícios.

Já que trabalhava fora, de segunda à sexta, sicrana só podia estudar seu instrumento aos fins de semana. Pegava o pandeiro no sábado e tocava até domingo, quando podia perceber o pulso do braço esquerdo mais solto e o pulso do corpo mais tranquilo, ritmado. Só que até que chegasse o próximo sábado, se endurecia toda de novo. Parecia não sair do lugar, pois a cada semana era como começar do zero outra vez.

Um dia, despretensiosamente, ela se queixou para um amigo sobre sua dificuldade em tocar diariamente. Seu horário de chegada do trabalho já era tarde demais para fazer barulho na vizinhança. Então, em tom de obviedade, o amigo sugeriu o que, para ela, soou como a coisa mais absurda possível: “por que tu não vai tocando no caminho?” Sicrana ia e voltava a pé pro trabalho e, de fato, o tempo dessa caminhada era de 20 minutos. Somadas ida e vinda, seriam 40 minutos diários de prática. Era uma ideia genial, mas – sempre tem o “mas”.

Como assim, caminhando e cantando e seguindo a canção? De onde tirar coragem para tocar rua afora? Pior ainda, aprender a tocar rua afora. Sicrana ainda não

sabia tocar. Já imaginou, uma doida, às 8 horas da manhã, andando e batendo mal e porcamemente um pandeiro no percorrer da calçada? Pois imagine.

Ela começou o mais discretamente possível. Primeiro só o carregava na mão, como se estivesse prestes a entregá-lo a alguém. Depois passou a gingar o pandeiro com o braço relaxado, pendurado ao lado da perna, na direção do chão. Pouco a pouco foi subindo o braço em frente ao corpo, sempre gingando. Depois engatava um fone em apenas um dos ouvidos para ouvir, de um lado, a música que lhe servia de guia e, de outro, o som que saía dos seus toques. Tanto foi, tanto foi que abandonou os fones de ouvido e, de uns tempos pra cá, até cantar ela cantava.

Andar tocando e tocar andando tinha muitas vantagens. A primeira a ser percebida por sicrana era que ela não permanecia em lugar algum e, por isso, se havia alguém que pudesse se sentir incomodado com sua precariedade musical, seria ela mesma. Estava sempre escapando da vergonha, a cada passo. Essa foi a condição primeira de possibilidade para que ela continuasse.

Ao continuar, foi percebendo outras vantagens. Sentia que sua respiração era mais constante quando caminhava e, mesmo que o ritmo dos passos e dos toques não fossem o mesmo, o fato de estar se movendo imprimia cadência ao ar que circulava pelo seu corpo e essa circulação embalava suavemente a forma como balançava o braço esquerdo. Nessa relação entre os movimentos das pernas, dos braços, do ar e das espirais quase imperceptíveis de cada articulação, ela sentia o peso do pandeiro mais leve. Às vezes, quando se concentrava, constituía um ciclo: a música em seu ouvido ditava a velocidade dos passos, os passos ritmavam a respiração e a respiração conduzia os toques em uma pulsação que era pura alegria inteira. E todo ruído externo, mesmo a perturbação das buzinas, se compunha com ela.

Uma outra vantagem era a atenção desfocada. Quando mais nova, sicrana tocava violão em via de mão única, ela decidia a nota e executava, quase como se o instrumento não participasse. Ela tocava um suporte, um emissor, não um instrumento. Já com o pandeiro era diferente e, caminhando, ainda mais. Os movimentos da caminhada e a atenção que não se detinha somente nos toques, mas esparramava-se em respirar, trocar os passos e desviar a geografia do espaço, faziam com que o pandeiro devolvesse à sicrana uma quantidade de sons que ela não intencionava previamente. Quanto mais ela o deixava tocar, mais o som fluía em via de mão dupla. Não mais um suporte, e sim um instrumento amigo que lhe ensinava como tocá-lo.

Sicrana foi soltando as paranoias, as inseguranças, as vergonhas e foi se sentindo mais e mais íntima de seu instrumento. A alegria que sentia foi crescendo e excedendo aquele casulo ambulante, rompendo esse casulo e abrindo uma fenda por onde cruzavam, circulavam, transitavam afetos. Um senhor que lhe pergunta se ela estava voltando da noite. Uma criança que lhe faz parar, emprestar o pandeiro e tocar junto. Um outro senhor que lhe acompanha contando histórias da Paraíba e dos ritmos que ele trazia de lá. Uma mulher que dança ao passar por ela. Algumas caras de estranhamento e, também, de reprovação. Pessoas que sorriem todo dia nos mesmos pontos do caminho. E tantos outros acontecimentos soltos e inesperados que se abrem ao acaso.

A cidade grande era São Paulo, lugar de todos e de ninguém. O anonimato que sicrana experimentava naquele lugar lhe permitia passeios livres e a liberdade de existir para além do que uma cultura, uma comunidade, uma família, um círculo qualquer possa ter fixado sobre ela. Era como se tivesse alcançado a liberdade de não precisar corresponder a um “si mesmo” reconhecido e instituído de si para alguém. E livre desse alguém externo a quem corresponder, também se via mais encorajada a surpreender a quaisquer desses “alguéns” já internalizados por ela mesma. Uma soltura promissora de horizontes.

Em uma festa junina de bairro, na praça perto da sua casa, sicrana reencontra com as sambadas de coco que havia conhecido em Pernambuco, anos atrás. Nessa roda, eram somente mulheres tocando. Tocavam alfaias, pandeiros, maracas, agbês e ganzás. Era encantador ouvi-las e sicrana arrastou a sandália até gastar.

Logo se formaram filas para acessar comidas, bebidas e banheiros. É impressionante a diferença entre uma fila de banco e uma fila de festa. Ao contrário das filas de banco, onde as pessoas costumam estar impacientes, silenciosas, encolhidas e sérias, nas filas de festa tudo pode acontecer. Se há quem não saiba desfrutar a oportunidade que é uma fila de banheiro de festa, há também os que começam amizades, trocam receitas, fazem duetos, firmam acordos e esquecem depois. Sicrana era dessas que encara uma fila como uma despreziosa aventura e, nesse dia, parou logo atrás de duas das mulheres que tocavam coco mais cedo. Saudou as mulheres, agradeceu pela música, contou que estava estudando pandeiro e dali surgiu o convite para frequentar os ensaios do grupo⁵⁰. E, com o tempo, veio a integrar-se nele.

⁵⁰ O grupo era o Bloco Eu Acho É Coco.

Sicrana tocava com essas mulheres sem nunca deixar as andanças musicais solitárias – que de solitárias não tinham nada.

Foi aparecendo e desaparecendo de um lugar a outro, de uma cidade a outra, de um tempo em outro. Passando pela vida tal como o som do seu pandeiro cigano passava pelas calçadas.

TEMPO FORA DO TEMPO

Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU,
mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer eu.
Não sou mais eu mesma. Cada um reconhecerá os seus.
Fui ajudada, aspirada, multiplicada.

(Deleuze e Guattari)⁵¹

Dizem que o três é o número da materialização. Depois da terceira ida em Aruanda, eles vieram...

Sou uma mulher branca, bem clara mesmo, olhos azuis. Meu tataravô, biso da mãe, era um caboclo ervateiro que vinha do Uruguai pelo mato, fazendo garrafadas e filhos. Curando gente, deixando mulheres e seguindo nômade. Minha bisavó, mãe da avó materna, era uma mulher desajustada aos olhos do seu tempo, gostava de sexo, jogo, dinheiro e de estar cercada de muitos homens. Diziam que seu marido era um homem bom, trabalhador e que ela botava tudo fora. Ela distribuía tudo.

Na primeira vez que fui em Aruanda, o que vibrava em meu orí no momento da unção era Ossain, o curandeiro da mata. Na semana seguinte, um colega de aula, psicanalista, me disse na mesa do bar, depois de algumas cervejas e cachaças: tu tem uma coisa meio curandeira né, já tá atendendo? Na hora o ego deu um grito! Alguém me autorizando, me dando um contorno que eu não tinha. Posso te encaminhar uma pessoa para análise? Sim, manda. No dia seguinte acordei murcha, sabendo que não estava preparada para atender. Ele era o que fazia o meu ego falar.

Desde que decidi vir pra São Paulo, guiada por um desejo muito forte, [capaz de agenciar tudo que eu não entendia, nem via sentido, só confiava] muitas coisas “deram errado” do ponto de vista do sujeito. Mas como muitas outras “davam certo” eu seguia, adaptando as condições às mudanças impostas pelo fora de mim. Passei na prova, arranjei um emprego, uma casa fora do sistema imobiliário que eu abominava, graças aos amigos que me acolheram em suas casas até que eu achasse um lugar e aos privilégios de um rosto e uma educação muito encaixados na branquitude – que decide quem merece ir mais longe.

Um dia no balcão de um bar, uma pessoa negra me falou que eu lembrava a sua vó, que eu tinha o olho dela. Mais de um ano depois, no mesmo bar, eu disse pra uma

⁵¹ Adaptação para o singular, da citação originalmente no plural. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2012, p. 17).

mulher branca de olhos azuis que tocava tambor no palco, que ela lembrava minha avó. Quando essas duas memórias se juntaram, percebi que a mulher não lembrava minha avó pelos olhos (e eram parecidos), mas pela força com que tocava.

Minha avó tem uma força absurda, segurou o peso do mundo no coração que, de uns tempos pra cá, vem falhando. Esse é o órgão de camelo dela. Cuidou de sua mãe, da avó e das irmãs do marido. Dos cinco filhos que pariu e dos outros tantos que a elegeram, eu inclusa. Hoje cuida desse mesmo marido, acamado há 20 anos e da comunidade onde vive há mais de 30. Além do cuidado diário que dedica à terra, aos animais e às plantas. Ela distribui tudo, tal como acusavam a véia Zefa de fazer e, também ao contrário, não bota nada fora. Até porque ali não tem fora, economias e ecologias circulam. E assim ela atualiza o fora, positivando fragmentos da uma imagem que foi atribuída à sua mãe como forma de aniquilamento.

Só que a cisão de um inconsciente colonizado não permitia que ela dobrasse o fora para dentro. Cuidava do outro, sem que esse cuidado voltasse para si. Dizem que tem um sim que se dá para o outro que é um não para si; tem um não para o outro que é um sim para si; tem ainda um sim-sim, como também um não-não. Dia desses, recebi uma foto do pé de Brinco de Princesa que a vó plantou, lembrei-me de quando pendurava essas florzinhas nas orelhas com prendedor de roupa e desfilava no terreiro, rodeando a casa de canto a canto. A mãe disse que ela tem regado todo dia como se regasse a mim, e agora penso que é a ela mesma que está regando. Ela escolhe ver em mim o que há de melhor nela e rega. Diariamente. Sim sim.

Essa semana, voltando do bar da Graça, entro em um antiquário/floricultura que tem ali na Alfonso Bovero e a primeira coisa que avisto é uma planta majestosamente folhuda, com duas florzinhas meio queimadas de sol. Quando cheguei mais perto vi que era um brinco de princesa e que, apesar das duas florzinhas aparentes, ela estava povoada de botões minúsculos por seus galhos. Já que tinha fones de ouvido na mochila, botei Gardêneas e Hortências⁵² para tocar e viemos andando pra casa. Agora ela tá aqui e eu também estou lá. Podando e regando o sim para florescer.

Dois dias depois, o brinco de princesa seria a primeira carta a sair no Tarot de Florais.

⁵² “Gardêneas e Hortências, não façam nada que me lembre que a esse mundo eu pertença. Deixem-me pensar que tudo não passa de uma terrível coincidência.” (Ná Ozzetti & Zé Miguel Wisnik. *Gardêneas e Hortências*. Ná e Zé. São Paulo: Circus Produções Culturais & Fonográficas, 2015).

BRINCO DE PRINCESA

Amor Próprio



Integra sensualidade, sexualidade, alegria, prazer, espontaneidade e vaidade.

2º Nível - Comportamento

MARACUJÁ

Equilíbrio dos Opostos



Integra os dois lados, feminino e masculino, equilibrando os lados ativo e passivo, a hora de enfrentar e de recuar.

2º Nível - Comportamento

AZALEIA

Abertura

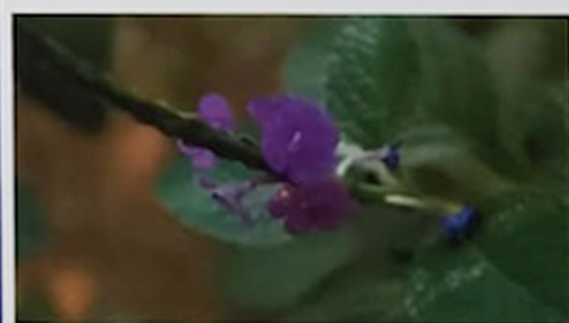


Limpa, abre e fortalece a área do sentimento em momentos de tristeza e depressão.

2º Nível - Comportamento

GERVÃO

Descarregar



Diante de sensações pesadas como raiva, revolta, ressentimento, proporciona a capacidade de se expressar e se comunicar.

1º Nível - Físico

CARTA DE FECHAMENTO

Queria encerrar este trabalho da mesma forma que o comecei, como uma brincadeira. O que certamente não é a mesma coisa, porque quem brincava lá no começo já não é a mesma que se põe a brincar agora.

Esse texto durou pouco mais de um ano se escrevendo, digo propriamente em papel e máquina, mas em meu corpo ele se inscreve desde muito tempo. Desde o tempo anterior à palavra. E bordar os tempos na duração dessas poucas páginas só me foi possível assim, por brincadeira.

Brincando de coragem, que é o primeiro texto na sequência de montagem da dissertação, se desconsiderada a carta de abertura, foi também o primeiro exercício de escrita enquanto processo clínico no fazer-se deste trabalho. Lembro bem do momento em que o escrevi. Havia acabado de assistir ao filme Bacurau no Cine Sesc. Saí tomada pelo filme e fui até a casa de um amigo que já o havia assistido, na intenção de que ele me ajudasse a digerir aquilo pelo qual fui completamente tomada. Mas, ao chegar em sua casa, vi que ele estava envolvido em outras coisas e então me pus a escrever em um caderno. O nome do texto veio depois, quando falei para ele da cena que moveu a escrita e me referi a ela assim: “aquela das crianças brincando de coragem”. Era uma cena secundária para a narrativa do filme, mas que me fisgou. Uma cena escura em que um grupo de crianças, reunidas em um descampado às margens do vilarejo, brincavam de ver quem ia mais longe no breu, uma por vez, com uma lanterna.

Quando vi essa cena, me transportei instantaneamente para minha Bacurau, para as outras dimensões de coragem que envolviam as caminhadas noturnas na estrada deserta e escura e que em tudo diferiam da coragem em andar sozinha à noite nas ruas de São Paulo, onde vivo agora. A partir dessa cena, fui abrindo os sentidos que as palavras experiência e travessia tinham em mim. Aproximando-os da reconstituição etimológica feita por Larrosa⁵³.

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). (...) O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através;

⁵³ BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. Campinas, nº 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: set. 2020.

perainô, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro (*extranjero*), de exílio, de estranho (*extraño*) e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. (...) Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.

E desde aí foi começando a se criar uma outra perspectiva de relação comigo mesma e com minhas marcas que também é parte de uma tomada de posição: brincadeira séria; criação de coragem; travessia pelo espaço da fragilidade, avesso das imagens de segurança.

À época dos primeiros meses de mestrado, fui assistir a Batalha Dominação⁵⁴ no largo São Bento. Era batalha de conhecimento e uma pessoa negra não binária sugeriu para o seguinte tema: *até quando nossos corpos vão ser objetos de estudo?* Antes desse momento, pensava em pesquisar a partir da experiência do encontro entre o que sou eu e o que seria esse campo/objeto de pesquisa, não tinha a intenção de tomar outros corpos como objeto de estudo, mas também não cogitava fazer de mim mesma meu “objeto”. Dá para dizer que esse momento acendeu uma lanterninha de coragem para olhar para si, para além de si. Também dá pra dizer que foi nessa mesma época que comecei a me perceber racializada como branca. E a me perceber, muitas vezes, funcionando na ideia do neutro⁵⁵ – esse delírio que constitui os corpos brancos/cis/heteronormativos e corpos que se identificam com a branquitude em maior grau, sendo esse último o meu caso.

Comecei a reparar então na minha própria neurose, em seus mecanismos, em suas imagens de referência, em suas representações. E a única via possível de atravessá-la para vê-la, era rindo dela. Rir de si para sair de um si mesmo ensimesmado e viciado nas mesmas imagens. Rir de si para superar a si mesmo. Rir de si e pisar sobre a própria cabeça para ir mais além de si mesmo, como Zaratustra.

⁵⁴ “A Batalha Dominação é um espaço que enaltece o rap como cultura e dá voz às mulheres da cena. Os encontros acontecem toda segunda-feira no Largo São Bento em São Paulo.” São batalhas de *freestyle* voltadas para mulheres, homens trans e pessoas não binárias. Informações disponíveis em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/a-dominacao-batalha-de-rap-feito-por-elas-e-pra-elas>. Acesso em: set. 2020.

⁵⁵ Me refiro ao mecanismo colonial racializante que toma a branquitude como referência e faz dela o parâmetro a partir do qual serão racializados os outros corpos – sempre em relação a esse suposto corpo neutro, omitido do sistema de racialização que ele mesmo cria.

Mesmo para mim, havia essa distinção bem rígida entre brincadeira e seriedade⁵⁶. Principalmente no contexto político-social-ambiental em que estamos vivendo. Brincar poderia até soar como indiferença, quando há uma epidemia global afetando toda a população, ainda que afete uns mais que outros. Quando o calor é insuportável porque as queimadas de vegetação nativa quebram seus próprios recordes, diariamente. Quando os acontecimentos que testemunhamos, somente no último ano, ocupariam páginas de pura distopia, se listados. Mas brincar aqui não é indiferença, não é sobre ignorar as forças reativas que agem no mundo, não é forjar para si um mundo de alegria individual. A brincadeira é séria e a alegria é a prova dos nove⁵⁷. É a forma que encontro para oferecer alguma resistência, algum tipo de força contrária ao peso de gravidade do mundo, invés de sucumbir a ele, e foi a forma que tornou possível e sustentou esse largo, intenso, intempestivo, sério e dolorido processo clínico, de escrita como autoanálise.

Levar a sério uma dissertação, nesse caso, implicou escrever como se escreve para amigos⁵⁸. Como quando se está interessado em mostrar um pedaço do mundo que temos a sensação de que só nós reparamos, ainda que muitos o vejam. Como uma espécie de antena subterrânea, ou subcutânea, captando no cotidiano, nos detalhes, nos gestos, o que constitui esse pedaço de mundo. Uma antena interna-externa.

Escrever para amigos, porque é para eles que muitas vezes escolhemos nos expor voluntariamente e, com eles, podemos abrir nossas fragilidades, buscando acolhimento. E porque geralmente é entre amigos que podemos rir dos ridículos de nós mesmos.

Se expor ao outro, mesmo aos amigos, às vezes depende também da capacidade de se expor a si mesmo, da coragem de ver a si mesmo de forma exposta, vulnerável, franca. “O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”, (...) com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se

⁵⁶ “327 – **Levar a sério.** O intelecto da maioria dos homens é uma máquina pesada, sombria e rangente, difícil de pôr em movimento; quando querem trabalhar com ela e pensar bem com essa máquina dizem que “levam a coisa a sério” – oh! como deve ser penoso para eles “pensar bem”! A graciosa besta humana tem a aparência de perder cada vez seu bom humor quando se põe a pensar bem; ela se torna “séria”! E “em toda parte onde há riso e alegria, o pensamento não vale nada”: esse é o preconceito dessa besta séria contra toda “gaia ciência”. Pois bem! Mostremos que se trata de um preconceito”. (NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008, p. 189).

⁵⁷ “A alegria é a verdadeira prova dos nove” É uma frase de Oswald de Andrade, dita para a *Revista de Antropofagia* em 1928, e tornada música – forma como a conheci: (Gilberto Gil e Torquato Neto. *Geleia Geral*. Tropicália ou Panis et Circencis. São Paulo: Philips Records, 1984).

⁵⁸ “Escrever é uma vaidade, a não ser que seja para amigos. Inclusive para amigos que ainda não conhecemos”. (COMITÊ INVISÍVEL. *Aos Nossos Amigos. Crise e Insurreição*. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 286).

opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. Foi justamente este o exercício dessa escrita: fazer dela um espaço de exposição à fragilidade, de acolhimento, de deboche e de travessia.

A fragilidade do escritor não é neurose, nem psicose, mas porosidade ao excesso, abertura e permeabilidade àquilo que uma gorda saúde, uma autossuficiência acabada, madura, fechada, concluída, funcionando bem demais, jamais poderia acolher, abrigar, favorecer. O escritor é aquele que viu demais, que ouviu demais, que foi atravessado demais pelo que viu e ouviu, que se desfigurou e desfaleceu por isso que é grande demais para ele, mas em relação ao quê ele só pode manter-se permeável se permanecer numa condição de inacabamento, imaturidade, imperfeição, fragilidade⁵⁹.

Queria, através da escrita, poder me deparar com isso que faz da subjetividade essa máquina pesada, sombria, rangente e tão séria, de que falou Nietzsche. Isso que a faz ranger e enguiçar, isso que se opõe à brincadeira e afasta de si tanto quanto pode o ridículo, isso que se esforça constantemente em corresponder a uma imagem, é isso que entendo por neurose – palavra carregada de sintomatologia e destinada a um outro que nunca nós mesmos. “A neurose é isto, deslocamento do limite para guardar para si próprio uma pequena terra colonial”⁶⁰.

Dessa terra colonial, tomada aqui como território existencial-subjetivo, há um modo de relação dominante que disparou a pesquisa e que, em torno de sua elaboração, giraram as personagens. Elas existiram como forma de compartilhar o efeito clínico desse processo de dessubjetivação ao qual me expus. Em nome da intenção de propor, através da leitura, a possibilidade de deslocamento no sensível que experimentei na escrita, é que esse tal modo de relação dominante ainda não foi exposto em linhas gerais, da forma como o compreendo – embora as personagens tenham funcionado, o tempo todo, em seus registros.

Em nome dessa intenção, é que o trecho final que se segue – o primeiro a ser escrito na feitura cronológica da pesquisa e de onde todo o resto partiu –, será o último a ser compartilhado. Da mesma forma que a palavra neurose só apareceu agora, na página anterior, enquanto o texto inteiro apostava em constituir uma pequena tentativa de desneurotizar, de desensimesmar.

...

⁵⁹ PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 74.

⁶⁰ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010, p. 183.

Relações são jogos de forças, necessariamente múltiplas e transversais, em movimentos de tensão que coexistem, se cruzam, alternam posições em deslocamentos constantes. Quando esses vetores nos atravessam, produzem efeitos em nossos corpos que, quando atentos e conectados a tais efeitos, anunciam novos mundos e então é preciso atualizar o mundo em outras formas. Do contrário, recorreremos aos recursos disponíveis, geralmente capitalizados pelo mercado, para tentar recompor o mundo que conhecemos, perpetuando o *status quo*. O que percebo agora é que mesmo na experiência que se completa em criação de outros modos de existir, o mercado também participa. Muitas vezes, as imagens publicizadas e publicitárias capturam ou mesmo antecipam o que seriam linhas de fuga de singularização, localizando-as no diagrama vigente, tornando-as inofensivas. O resultado é uma sensação de que a experiência está se completando, que cala os sinais de alarme dos corpos, mas que não emancipa a subjetivação, mantendo-a nesse ritornelo de identificação com as imagens. Os processos de criação de nós mesmos passam pela ação do desejo que pouco coincide com as imagens largamente oferecidas por todos os lados.

Vemos imagens mediando relações de toda ordem, conduzindo debates de pautas públicas, servindo de veículos de propagação de ideais políticos e, na maioria das vezes, são apreendidas apenas em uma dimensão de representação. Desta forma, podem ser tomadas como modelos de identificação pelas subjetividades, desde as conservadoras até as insurgentes.

Quando imagens são tomadas como modelos de identificação, no plano micropolítico, tendem a baratear os processos de singularização, servindo de mecanismos pelos quais as dissidências são frequentemente capturadas⁶¹. Por outro lado, no plano macropolítico, a representatividade de grupos minoritários e dissidentes sustenta um papel indiscutivelmente legítimo na busca por equidade e redistribuição de direitos desta cartografia. E é nessa tensão da complexa coexistência dos planos macro e micropolíticos, que o desejo busca criar possibilidades de existência, driblando a tendência de negar determinadas imagens ao mesmo tempo em que tenta escapar de ser reduzido a elas.

A forma como as imagens instauram modos de relação, além de se constituir enquanto gênese do bloco de subjetividades capitalístico-colonial-ocidental-racializante,

⁶¹ “Há sempre um arranjo que tenta prever tudo o que possa ser da natureza de uma dissidência do pensamento e do desejo. Há uma tentativa de eliminar aquilo que eu chamo de processos de singularização.” (GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 52.)

também é resultada e retroalimentada pelo modo dominante de produção de bens e serviços, de relações de poder, de modos de expressão e de pensamento. Este modo dominante é o que Guattari chamou de capitalismo mundial e integrado⁶².

Para a manutenção da lógica capitalística, a relação entre valor e vida tende ao abuso das forças vitais e, ainda que no plano macropolítico seja evidente o recorte desse abuso, no plano micropolítico ele estende-se por toda a malha social. É a própria vida que estabelece seus valores e, no entanto, esta forma dominante de vida vem preservando um conjunto de valores que despotencializa a composição de suas forças em nome de ideais como, por exemplo, o do progresso. Anestesia-se intensidades. Perseveram imagens. A vida parece estar sempre sendo adiada por pontos móveis empurrados para um futuro que nunca chega.

Podemos esquematizar aqui um conjunto dos valores-imagem reafirmados massivamente: sucesso [profissional, econômico, amoroso⁶³]; visibilidade; felicidade [egóica]; saúde [a gorda saúde dominante⁶⁴]; dentre muitos outros. Esse conjunto de valores atualiza-se e fragmenta-se cada vez mais rápido, dando uma sensação de singularização que mais tem a ver com a personalização dessas imagens e que raramente corresponde a uma transvaloração, já que não basta substituir tais valores por outros sem que a diferenciação aconteça no nível da relação entre valor e vida⁶⁵.

Nessa cartografia dominante, as intensidades são medidas pela régua do capital [econômico-narcísico] e esta, por sua vez, está alinhada e subalternizada ao ideal do progresso – valor central do nosso tempo. "Não basta gerar, há que gerir. Quer dizer, há que tornar o gerado aferível dentro de uma escala específica"⁶⁶. Geralmente, para ser aferível, o gerado demanda uma imagem correspondente e é essa demanda constante que faz com que a autoimagem se torne algo central desse modo de subjetivação.

É em nome de uma imagem de si, frequentemente idealizada e inatingível, que as subjetividades se movem em relação de dependência com o consumo de produtos, de serviços, de narrativas. "Ser é o nome do ponto de união entre a produção e o

⁶² "O capitalismo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele (os países do bloco soviético, a China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção, fique de fora de seu controle". (Ibidem, p. 211.)

⁶³ Segundo uma ideia de amor romântico familialista.

⁶⁴ PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

⁶⁵ "Mudam os valores, mas a matriz permanece a mesma". (PELBART, 2019. Anotação de aula sobre a transvaloração de todos os valores para Nietzsche em *Assim Falou Zarathustra*).

⁶⁶ FARINA, Cynthia. Imagens de perto: economia global e formação do sensível. *ETD - Educação Temática Digital*, v. 14, n. 2, p. 113-125, 5 nov. 2012, p. 120.

consumo⁶⁷. E é, também, em nome de sua preservação que a autoimagem se torna um falso problema clínico, pois tende a anestesiar os sinais de alarme do desejo, reconduzindo-o. Sinais estes que não correspondem necessariamente a uma imagem pré-existente.

A proliferação exasperada de imagens vem saturando as potências criadoras e imaginativas, capitalizando o desejo em função de imagens de si e de mundo previamente localizadas no diagrama de formas vigente e, "com a imaginação violada, perdemos a capacidade de fantasiar, de ver mais além ou aquém de nossas perspectivas colonizadas, mais além ou aquém do que vemos"⁶⁸.

Afogamo-nos em imagens? Todo o contrário. Está claro que há muitas imagens, mas, se as observamos com mais detenção, percebemos sua unicidade, sua redundância. [...] Extirpa-se sua singularidade e o que nelas vai mais além da significância, do identificável. O que temos em demasia são imagens que reafirmam o mesmo e conformam nossa capacidade sensível, mediante uma determinada estética⁶⁹.

Quando processos são reduzidos a imagens, reduz-se também a condição de existência na imanência, no plano das forças que tensionam a atualização do plano das formas – estas se localizam no passado ou no futuro, já que a imanência não está conformada em um contorno. O risco que espreita a simbiose com as formas, sejam elas passadas ou futuras, é o de interromper o curso do desejo que anuncia a criação (de si e de mundo). Seria, então, preciso acolher o estado sem forma, a falta de contorno, ou estaremos sempre remontando imagens, por mais disruptivas e autênticas que elas possam soar nas prateleiras.

A autoimagem acaba por cumprir o papel de bússola moral. Há sempre uma imagem desejável, personalizada e exclusiva à qual corresponder e que, via de regra, converge na moral colonial cristã baseada em valores como os da bondade, da generosidade, do mérito, da empatia, e muitos outros de mesma ordem. Mesmo os movimentos mais à esquerda, quando consideram apenas o plano macropolítico, recaem nessa moral. Nesses casos, em que o símbolo de status é ser desconstruído, intelectual e politizado, esvaziam-se processos de desconstrução, fetichizam-se pautas minoritárias, apropriam-se lucrativa e indevidamente manifestações culturais e, por fim, criam-se

⁶⁷ COMERON, 2007, p. 84 apud FARINA, Cynthia. *Imagens de perto...*, op. cit., p. 120.

⁶⁸ FARINA, Cynthia. *Imagens de perto...*, op. cit., p. 116.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 121.

cartilhas e patrulhas que em nada garantem que a diferença⁷⁰ está se dando no nível ético dos modos de relação – plano micropolítico.

Em um mundo em que os pares direita-esquerda não cabem mais como eixos opostos de posições políticas e as combinações e cruzamentos desses eixos são complexificados a cada novo episódio midiático, os modos de insurgência também tornam-se cada vez mais complexos. Hoje, progressismo e esquerda não se alinham sem conflitos e incoerências. Assim como direita neoliberal e conservadorismo formam uma combinação explosiva e uma ameaça real para tudo o que foi conquistado, em termos de direitos, nas últimas décadas. No Brasil e além.

O xeque-mate neoliberal parece ser a crença na liberdade individual como emancipação do desejo, fazendo com que acreditemos estar criando sentidos próprios, únicos, individuais enquanto o desejo permanece canalizado em (tanto mais variadas quanto mais convergentes) formas de consumo. Assim, sentimentos como os de insatisfação e revolta, podem ser facilmente apaziguados pela larga oferta de sensações de que dispõem as imagens-mercadoria. Ao invés de criar sentido, pode-se comprar imagens esvaziadas de sentidos, em operações pasteurizadas e meramente narcísicas. Imagens resultadas de processos que não se deram. Achatamento de experiência em imagem.

A questão é que fundamento algum (ainda que mais à esquerda), deveria deslocar a espontaneidade que um gesto pode mobilizar, quando é afetado por sua condição de vivo, pela própria vida do mundo em seu corpo. “Só se existe em ato⁷¹”. Só se existe agindo na hora de agir, expondo-se ao risco de experimentar relações com o outro (consigo, com o vivo) que não sejam pautadas pela imagem que se faz do outro, ou pela imagem que se faz de si sob o olhar desse outro.

Estas são pistas da urgência de outros modos de relação com ambas, imagens e intensidades, formas e forças. Já é possível “intuir a urgência de se fabular um procedimento de investigação da existência, que acolha nossos estranhamentos, nossos esgarçamentos identitários, nossos balbucios⁷²”.

⁷⁰ “Diferença, aqui, não decorre de uma busca de diferenciação em relação aos outros, busca equivocadamente narcísica, onde, inclusive, os outros continuariam sendo a medida de todo o esforço empreendido e, por esta razão, necessariamente abortado. ‘Diferença’ é um modo preciso de nomear a lucidez de um mundo e seu brilho, sua verdade”. (SCHIAVON, João Perci. *Pragmatismo pulsional: clínica psicanalítica*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 21).

⁷¹ Atribuo a frase ao Teatro Oficina Uzyna Uzona, ainda que não tenha certeza sobre sua autoria.

⁷² PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 29.

É preciso acolher o que geralmente estranhamos e interpretamos como desconforto, angústia ou coisa ruim, mas que é traço de uma outra temporalidade: do desejo. Que não começa, tampouco termina em nós e que exige outras formas de acolhimento da vida. Exige despir-se da armadura pesada de princípios em nome de uma coluna vertebral que se sustente em movimento⁷³.

⁷³ “Revolucionários sólidos: eis aqui o que preserva a coluna vertebral, bem mais do que uma armadura brilhante e pesada de princípios”. (DELIGNY, Fernand. *Os Vagabundos Eficazes*. Trad. Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, p. 39).

REFERÊNCIAS

- BEY, Hakim. *Zona Autônoma Temporária*. Trad. Coletivo Sabotagem, Copyleft. [s.l], 2004. Disponível em:
http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf.
 Acesso em nov. 2019.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- COCCIA, Emanuele. *A Vida das Plantas. Uma Metafísica da Mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- COMITÊ INVISÍVEL. *Aos Nossos Amigos. Crise e Insurreição*. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- CORTÁZAR, Julio. *Histórias de cronópios e famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
- DELIGNY, Fernand. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- DELIGNY, Fernand. *Os Vagabundos Eficazes*. Trad. Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições.
- FARINA, Cynthia. *Imagens de perto: economia global e formação do sensível*. ETD - Educação Temática Digital, v. 14, n. 2, p. 113-125, 5 nov. 2012.
- FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naif, 2012.
- GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. 9ª ed, Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2001. Disponível em:
 <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/guattari-as-tres-ecologias.pdf>>.
 Acesso em nov. 2019.

- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12. ed., 4. reimp. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MASSUMI, Brian. *O que os animais nos ensinam sobre política*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. Trad. Daniele Ávila. In: *Revista Urdimento* vol. 1, n 15. Florianópolis: Ceart/UEDESC, 2010, p. 107-122.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ROLNIK, Suely. *Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. In: *Cadernos de Subjetividade*, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.
- SALOMÃO, Waly. *Poesia Total*. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.
- SCHIAVON, João Perci. *Pragmatismo pulsional: clínica psicanalítica*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SEQUEIRA, Rosane Preciosa. *Rumores discretos da subjetividade*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- TIQQUN. *Contribuição para a guerra em curso*. Trad. Vinícius Honesko. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- UNO, Kuniichi. *Hijikata Tatsumi. Pensar um corpo esgotado*. Trad. Christine Greiner e Ernesto Filho. São Paulo: n-1, 2018.

UNO, Kuniichi. “*Corpo-gênese ou tempo-catástrofe: em torno de Tanaka Min, de Hijikata e de Artaud*”. Tradução: Annita Costa Malufe. Cadernos de subjetividade, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Os Involuntários da Pátria. Reprodução de Aula pública realizada durante o ato Abril Indígena*, Cinelândia, Rio de Janeiro 20/04/2016. In: Aracê – Direitos Humanos em Revista, São Paulo: Associação Nacional de Direitos Humanos, Pesquisa e Pós-Grad. (andhep), v. 4, n. 5, p. 187-193, 2017.

MÚSICAS:

GILBERTO GIL. *Cérebro eletrônico*. São Paulo: Philips Records, 1968. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JFAHDYEMHEE>> Acesso em nov. 2019.

GILBERTO GIL E TORQUATO NETO. *Geleia Geral*. Tropicália ou Panis et Circencis. São Paulo: Philips Records, 1984. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dg594OQENew>>. Acesso em set. 2020.

JOÃO BOSCO E ALDIR BLANC. De Frente Pro Crime. *Caça à Raposa*. Nova Iorque: RCA Victor, 1975. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xkAGtz8lKDW>>. Acesso em set. 2020.

JULIANA PERDIGÃO. *Mulher Depressa*. Folhuda. São Paulo: Circus Produções Culturais & Fonográficas, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L5rbHLEb5HQ>> Acesso em 30 nov. 2019.

NÁ OZZETTI & ZÉ MIGUEL WISNIK. *Gardênias e Hortências*. Ná e Zé. São Paulo: Circus Produções Culturais & Fonográficas, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ltVMa2oWqYU>>. Acesso em 12 nov. 2019.

O NOVÍSSIMO EDGAR. PART. CÉU. *O dia é meu*. Ultrassom. São Paulo: Deck, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O-yfb5fyIDU>> Acesso em 30 nov. 2019.

PANDEIRO DO MESTRE. *Suinã*. Coco de Toré. Recife: Humaita Edições Musicais Ltda, 2014. Composição de Nilton Júnior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=drxjGDBR8A&list=OLAK5uy_mkx3Ctu1yjSsdQ5NxyHLhKTWvvBdDYtSs>. Acesso em 12 nov. 2019.

SÉRGIO SAMPAIO. *Polícia Bandido Cachorro Dentista*. Cruel. São Paulo: Saravá Discos, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OhiM2A_zYQ4> Acesso em 30 nov. 2019.

FILMES:

BEZERRA, Tenille. *Aleluia, o Canto Infinito do Tincoã*, 2020.

VARDA, Àgnes. *Sem Teto Nem Lei (Sans toit ni loi)*, 1985.

VARDA, Àgnes. *As Praias de Agnès (Les Plages d'Agnès)*, 2008.